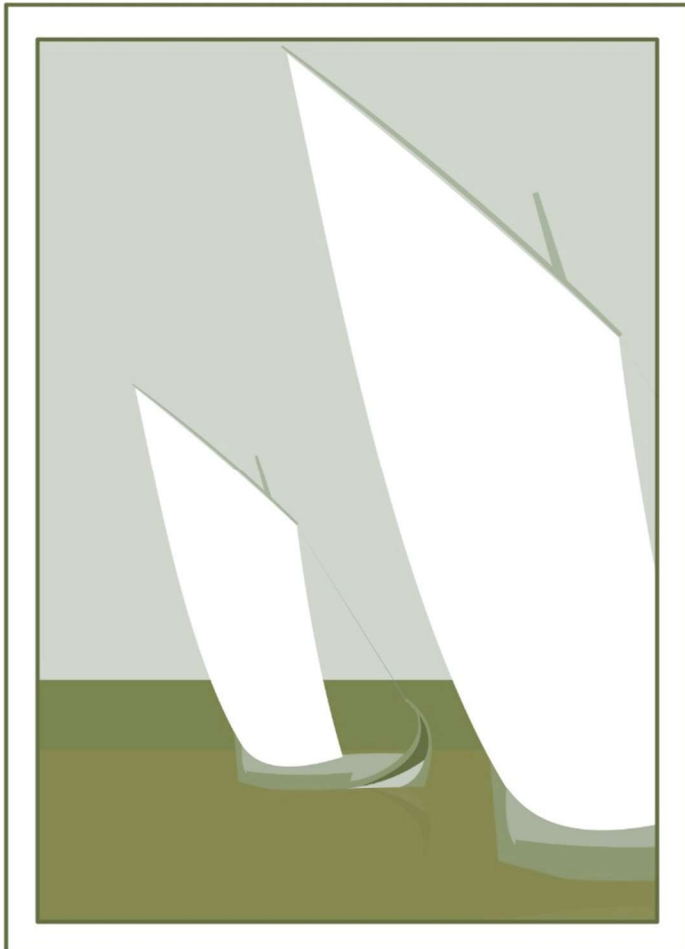




FAINA ACADÉMICA

ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe





FAINA ACADÉMICA

ou nem tudo que vem à rede é praxe

AVEIRO





FICHA TÉCNICA

Título:

FAINA ACADÉMICA

ou Nem Tudo que Vem à Rede é Praxe

1.ª EDIÇÃO

AUTORES DE TEXTO ORIGINAL:

Carlos Miguel Grangeia

Carlos Manuel Rodrigues

Lina Maria Rodrigues

Luís Gonçalves

Luís Jorge Fardilha

EDIÇÃO:

A.A.U.Av.

COORDENAÇÃO:

Sector Informativo da A.A.U.Av.

CAPA:

Paulo Fontes

FOTOGRAFIA:

Paulo Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Paulo Barreira

ILUSTRAÇÃO:

João Almeida

FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Joartes - Artes Gráficas, Lda.

TIRAGEM:

3000 exemplares

Depósito Legal

n.º ISBN: 972-97836-1-6

Setembro de 1998

2.ª EDIÇÃO

AUTORES DA 1.ª REVISÃO:

Valdemar Vaz

Daniel Gauthier

David Carvalhão

João Correia

Nuno Ribeiro

Nancy Salgado

Hernani Ribeiro

Joana Nogueira

Gonçalo Almeida

Sónia Duarte

Joana Ruivo

AUTORES DA 2.ª REVISÃO:

Agostinho Almeida

Alexander Marques

André Azevedo

Carlos Miranda

Daniela Silva

David Carrilho

João Pedro Santos

José Almeida

Marco Rocha

Marisa Madeira

Miguel Fonseca

Rui Silva

AUTORES DA 3.ª REVISÃO:

Luís Borges (Panzer)

Luís Loureiro

Hugo Batista

José Freitas

Carlos Miranda (Corvo)

Miguel Fonseca

Pedro Borges (Tanque)

AUTORES DA 4.ª REVISÃO:

Diogo Ferreira

Diogo Rodrigues

Francisco Regadas

Igor Coelho

João Fonseca

João Monteiro

João Vital

Leonor Carvalho

Paulo Pinto

Pedro Marques

Priscila Pereira

Sofia Santos

Soraia Costa

Tiago Carvalho (Sora)

Tiago Teixeira

Vitória Hbranchak

EDIÇÃO:

Versão WEB - Conselho do Salgado

DESIGN E PAGINAÇÃO:

Luís Borges (Panzer)

Luís Loureiro

Paulo Lopes (Monhé)

Paulo Pintor

Ricardo Esteves Martins

Priscilla Rodrigues

FOTOGRAFIA:

Paulo Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Paulo Barreira

ILUSTRAÇÃO:

João Almeida

Luís Loureiro

 ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
PORTÃO OU BOMBA	9
<i>breve resenha histórica</i>	
BARACHA INICIAL	11
<i>nem tudo o que vem à rede é praxe</i>	
SALINA I	13
VIVEIRO	
<i>Tormentas, marés e bonanças da faina académica...</i>	
ALGIBÊS	
<i>Como se nasce e cresce no Salgado de Aveiro</i>	
ALGIBÊS	16
<i>Órgãos de faina</i>	
CALDEIROS	
<i>Comissão de faina do curso</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Competências</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Organização interna</i>	
TALHOS	
<i>Candidaturas e eleição</i>	
TALHOS	17
<i>Arrais e Varinas</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Insígnia</i>	
CALDEIROS	
<i>Conselho do Salgado</i>	
CALDEIROS	19
<i>Salgadíssima Trindade</i>	
CALDEIROS	21
<i>Cagaréus</i>	
SALINA II	23
VIVEIRO	
<i>As artes, aparelhos e palamenta do bem trajar</i>	
ALGIBÊS	
<i>Fundamentos etnográficos do Tertúlio</i>	
CALDEIROS	25
<i>Não vamos menosprezar</i>	

SALINA III	28
<i>“Traje Académico”</i>	
VIVEIRO	
<i>Como bem trajar</i>	
ALGIBÉS	30
<i>Exceções</i>	
CALDEIROS	
<i>Lutos</i>	
CALDEIROS	
<i>Núcleos, Tunas e outros Movimentos Associativos</i>	
CALDEIROS	31
<i>Cartas de marear</i>	
SALINA IV	32
VIVEIRO	
<i>Imposição e mérito de insígnias</i>	
ALGIBÉS	
<i>O gabão</i>	
ALGIBÉS	33
<i>Os nós</i>	
SOBRE CABECEIRAS	35
<i>Os nossos Cursos... os nossos Núcleos...</i>	
SALINA V	36
VIVEIRO	
<i>Linhas e Anzóis de bem praxar</i>	
ALGIBÉS	
<i>Quem pode praxar no Salgado Académico de Aveiro</i>	
CALDEIROS	37
<i>Direitos e deveres dos Patrões e Patroas</i>	
SOBRE CABECEIRAS	38
<i>Ferramentas e materiais utilizados para “praxar” Lodos e Lamas</i>	

SALINA VI**40****VIVEIRO***O Outono...***ALGIBÉS***Calendários, ampulhetas, marégrafos e afins da safra anual...***CALDEIROS***Fainas e tertúlias marcantes da receção***SOBRE CABECEIRAS***Cerimónia de imposição de insígnias – Serenata à Santa Joana Princesa***SOBRE CABECEIRAS****44***Baile do Aluvião***SOBRE CABECEIRAS***Dragagem do Salgado Académico***SOBRE CABECEIRAS***Grande Aluvião***CALDEIROS***Loucuras de um Enterro***SOBRE CABECEIRAS***Roncadas***SOBRE CABECEIRAS****45***A Grande Caldeirada de Mestres***TALHOS***Da candidatura aos cargos de faina na Grande Caldeirada de Mestres***SOBRE CABECEIRAS***Sarau Académico***SOBRE CABECEIRAS***Desfile do Enterro***TALHOS***Historial do Desfile do Enterro***TALHOS****47***Regras do Desfile do Enterro***SOBRE CABECEIRAS****49***Baile de gala*

SALINA VII	50
VIVEIRO	
<i>Exceções e penalizações que fazem as regras</i>	
ALGIBÉS	
<i>Para quem não quer... Há muito!</i>	
ALGIBÉS	51
<i>Exceções para evitar tentações...</i>	
ALGIBÉS	52
<i>Punições para quem caiu em tentações!</i>	
CALDEIROS	
<i>Justiça Sumária Académica</i>	
SOBRE CABECEIRAS	53
<i>Indemnizações e coimas académicas</i>	
CALDEIROS	
<i>Caldeirada de Justiça Suprema</i>	
ESTEIRO	54
<i>Alterações ao Código de Faina</i>	
BARACHA FINAL	54
<i>Nem tudo o que Veio à Rede Foi Praxe</i>	
CANAL I (EM ETERNA CONSTRUÇÃO)	55
<i>Canal regulamentador das cores dos cursos</i>	
CANAL II	58
<i>Canal regulamentador da candidatura e eleição da Comissão de Faina do curso</i>	
CANAL III	61
<i>Canal Regulamentador do GOD</i>	
CANAL IV	62
<i>Canal da Carta de Princípios do Conselho Nacional de Praxe e Tradições Académicas</i>	
CANAL V	63
<i>Canal regulamentador do Grito Académico Aveirense</i>	
GLOSSÁRIO	64
BIBLIOGRAFIA	68
AGRADECIMENTOS	69



INTRODUÇÃO

A existência de um instrumento orientador e difusor das tradições e vivências Académicas tem o intuito de fomentar em todos os membros da Academia o gosto pelo conhecimento da região que durante alguns anos será o seu Lar – AVEIRO.

Esta *Faina Académica* ou *Nem Tudo Que Vem à Rede é Praxe* surge, assim, como uma épica tentativa de enquadrar as tradições, os movimentos sociais e a dinâmica cultural da região com as manifestações académicas inerentes à existência de organismos mobilizadores, como associações de estudantes, núcleos e outros, da vida académica. O reconhecimento dos mesmos, em termos de trabalho desenvolvido e em termos de formação complementar e extracurricular do estudante, passa por um dever de qualquer membro desta Academia. Deste modo, a filosofia base adotada na elaboração desta Faina teve como objetivo principal identificar o estudante recém-chegado com o meio em que se virá a inserir e, simultaneamente, regulamentar a conduta da Nossa Vivência. As fainas piscatórias, o ciclo das safras do sal, atividades que se desenvolvem desde tempos imemoriais na região de Aveiro, são a fonte de inspiração e cenário das modestas linhas que a seguir se lavram na...

Faina Académica

Ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe

◉ PORTÃO OU BOMBA

Breve resenha histórica

As raízes de Aveiro identificam-se com Céltica Talábriga. Daí chegaram a Talavarium e, depois, a Alvarário, como consta do primeiro documento escrito que se conhece, no caso a funcionar como certidão de nascimento desta terra. Este primeiro documento escrito sobre o Salgado, remonta a 26 de janeiro de 959 d.C. sendo consequentemente anterior à formação da nacionalidade (1143), refere-se à doação das terras que possuímos no Alvarário (Aveiro) e das salinas que aí mesmo comprámos - “Terras in alavario et salinas que ibidem comparavimos”, feita pela condessa de Mumadona Dias ao mosteiro de S. Salvador que fundou em Guimarães. Se compradas por ela, teriam de existir anteriormente. Há quem pense que terão sido os Fenícios, povo dado ao comércio que terá vindo do Médio Oriente, por mar, no século X a.C. que, abandonando mais tarde as relações com o país de origem, terá passado a dedicar-se, entre outras atividades, ao fabrico do sal. Com a independência de Portugal, a “cidade” e as marinhas foram propriedade da nação até que em 1187 D. Sancho I doou Aveiro à sua irmã D. Hurraca Afonso. Em 1215, D. Hurraca Afonso doou a produção de sal ao mosteiro de S. João de Tarouca, produção que já na época deveria atingir alguns milhares de toneladas. O que em parte explica o acentuado desenvolvimento urbano por toda essa centúria, aliás como, em geral, se verifica pelo litoral do reino, o mesmo continuando, nessa região, pelo século XIV, ainda que a base social assentasse fundamentalmente em pescadores, marnotos e trabalhadores agrícolas.

Verificaram-se outras mudanças de proprietários deste tipo, mas o que é de salientar é que a produção de sal em Aveiro era já de facto notória durante a primeira dinastia, sempre considerada e reconhecida pelo próprio Rei uma autêntica “Feitoria do Sal” nas Cortes de Évora (1361). Pois, além de abastecer todo o norte do país, já exportava para países europeus como a França, a Flandres ou a Inglaterra, tendo continuado uma atividade próspera, nomeadamente nos reinados de D. Afonso IV e D. Pedro I, sendo uma regular fonte de riqueza com a qual se pagaram dívidas e empreendimentos nacionais, como aconteceu com a tomada de Ceuta (1415) e com as Guerras da Restauração (1640-1668). No entanto, com os problemas da Barra e a quase estagnação das águas da laguna, as dificuldades começaram a surgir e a atividade começou a decair.

Com efeito, a topografia da Ria e a circulação de água a ela associada, que como se sabe variaram grandemente ao longo dos tempos até à abertura artificial da Barra, em 1808, foram fatores decisivos na variação do número e situação das salinas. Estas, no século X d.C., Alquebim, Esgueira, Sôza, Vagos, Bôco e Ílhavo, no reinado de Afonso IV, seriam cerca de quinhentos. No entanto, no século XVIII, só existiriam cerca de 170 marinhas e só após a abertura da Barra em 1808, permitiu a renovação regular das águas da Laguna, a atividade refloresceu, tendo-se mesmo constituído novas marinhas que nos anos 60 do nosso século, eram cerca de 270, chegando a produzir cerca de 95.600 toneladas/ano em 1966.

No entanto, a partir de 1960, a atividade salícola entra em franca decadência, não só em número de salinas ativas como também em volume de produção. Em 1991, havia cerca de 30 marinhas licenciadas para a produção de sal que, apesar de estarem ativas, nem todas se dedicavam à produção de sal, aguardando apenas licenciamento para a piscicultura. Daí que, apesar de renovarem as licenças para a salicultura, apenas o fazem com o intuito de aproveitarem as infraestruturas para a produção de peixe em regime extensivo.

Em suma, a situação atual do Salgado Aveirense não é animadora atendendo ao papel de relevo que já teve no passado como “Polo de Desenvolvimento”. A designação de “Polo de Desenvolvimento” justifica-se pela existência de fatores que por razões de ordem vária contribuem para o crescimento económico, tais como: inovação; progresso tecnológico; investimento; aumento de produção; aumento de qualidade do produto; diminuição do preço; etc. Estes fatores irão desencadear sinergias e todo um processo de desenvolvimento. As sinergias poderão ser transmitidas de uma forma horizontal – se tratar de uma difusão equilibrada dos defeitos de crescimento – ou de uma forma vertical – se tratar de uma difusão desequilibrada dos efeitos de crescimento, beneficiando os setores que estão diretamente ligados com o setor inovador quer estes se encontrem a montante ou a jusante.

Salgado de Aveiro foi esse elemento “Motor” do desenvolvimento económico dado o papel de relevo que teve na economia da região, na medida em que dinamizou um conjunto de atividades nesta área tais como: a construção de alaias agrícolas; a construção de embarcações; dinamizou e alargou as redes de comercialização, assim como toda a atividade armazenista; gerou postos de trabalho; permitiu a pesca de longo curso, nomeadamente a do bacalhau, enfim... em várias épocas, o Salgado foi a pedra angular, “a chave” dos períodos áureos de Aveiro. Dele emergiram os impulsos que as microunidades – unidades dependentes – iam transmitir e necessariamente ampliar, contribuindo assim para o processo de desenvolvimento económico.

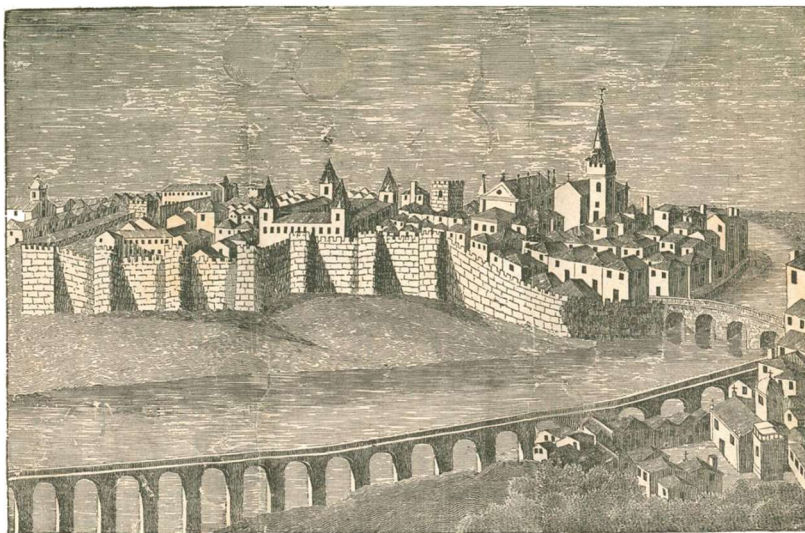


Figura 1 - Aveiro e sua Muralha Quatrocentista (quadro do séc. XVIII)

◉ BARACHA INICIAL

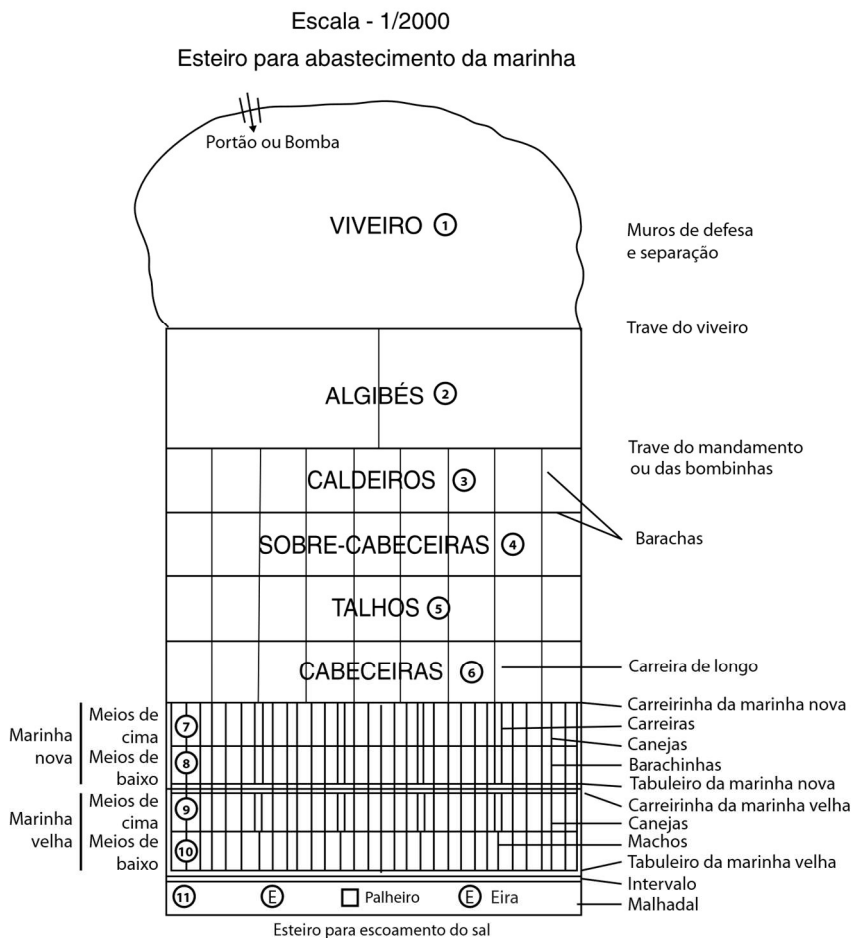
Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe

E eis que nos chegamos, de intempéries e outros vendavais (perturbando a bonança) uma mistura de caloíros e caloiras que se corporificam naquelas tansas criaturas – os lodos e lamas (género distinto, mas basicamente híbrido). Estes entopem, conspurcam, dificultam, estragam e estrangulam o nosso “Portão”, as salinas, os canais, a cantina, a secretaria, as “Bombinhas”... e outros locais públicos e privados. Procede-se assim, de uma maneira afincada e implacável a uma “Limpeza”, aplicando-se partes desses detritos na reparação das “Cambeias” – brechas causadas pelos caloíros e caloiras na sua vinda atribulada – concluindo-se com a aplicação do “Capelo” (camada de lama e de lodo que arremata em toda a extensão).

A “Limpeza” culmina na “Rega do Mandamento” em que a fluência se torna mais uniforme e menos dispar. Segue-se assim a “Cura”, operação que tem como objetivo o produto final (subentenda-se, o Sal), que é colhido e conservado (“Feitura”) para futura utilização. A safra divide-se em três fases com datas próprias e sucessivas. A primeira, que se limita aos trabalhos preparatórios, tem começo geralmente em meados de abril e dão-lhe os marnotos o nome de “Limpeza”. A segunda, que abrange propriamente o fabrico do sal, intensiva nos meses de maio a agosto, e chamam-lhe “Cura”. A terceira, que consiste na recolha e conservação do sal, tem lugar em setembro e designam-na por “Feitura”. A “Limpeza” tem por objetivo escoar as águas depositadas na “Comedoría” e no “Mandamento”; reparar os estragos causados pelas tempestades e remover as lamas depositadas durante o período de inatividade da salina. Efetuados estes trabalhos preparatórios procede-se à entrada de água pela primeira vez na salina, operação a que chamam “Regar o Mandamento”. A “Cura” é um conjunto de serviços que tem por objetivo obter o endurecimento do “Parcel”, geralmente brando e vasoso, preparando-o para a “Feitura” do sal. É o trabalho mais importante, pois dele depende a abundância e a boa qualidade daquele produto, abrangendo um conjunto de serviços tais como: “Escoar Encanas”, que significa o esgotamento da água depositada nas salinas; “Amanhar o Mandamento”, “Arear Passadoiros”, “Machos”, “Eiras” e “Tabuleiros”, espalhando areia fina; “Bulir”, serviço que consta em agitar a moira brandamente a fim de remover a película de sal que a cobre e obter melhor evaporação; “Quebrar” e “Envaíar”, ou seja, juntar o sal nos lados de cada compartimento cristalizador; “Rêr”, operação que se traduz em arrastar o sal para o tabuleiro; abrir o tabuleiro, moirar as cabeceiras e os meios de cima para dar passagem às moiras; e por fim tirar o sal para as eiras. Cada operação de sal rido demora três dias a cristalizar.

O trabalho da “Feitura”, última fase da atividade das salinas, consiste em encher os montes pela colocação do sal nas eiras sobre a forma geométrica de um cone.

Concluídos os trabalhos de colheita e conservação, procede-se ao alagar da salina e inundação que a submerge inteiramente, com a qual se põem termo ao período anual da atividade da exploração salineira, mantendo-se assim até à primavera seguinte.



Fonte: C.R.P.Q.F - Inquérito à Indústria do Sal

Figura 2 - Esquema de uma Salina

SALINA I

VIVEIRO

Tormentas, marés e bonanças da Faina Académica...

Aparelhar – Representa os primeiros passos nesta Academia para os Lodos e Lamas, Moliços, Caniças e Juncos. Estes preparam as linhas e enredos com que se irão coser durante toda a sua Faina Académica (Vida Universitária). A transformação radical de hábitos (alcoólicos e sexuais) e para muitos a mudança de casa e, ainda, de namoradas(os), (neste caso recomenda-se acumulação), obriga a uma depuração e tratamento que os vai tornando em Mui Ilustres Membros do Salgado Académico de Aveiro.

Lançar – Nesta fase, quando já Moços (uns mais outros menos!), Moças, os membros da Academia possuem os conhecimentos e as experiências mínimas sobre os locais e os momentos de lançamento dos enredos indispensáveis para capturar o que querem “possuir”.

Recolher – Já Marnotos, Salineiras ou sempre Mestres, a impaciência instala-se nestes estudantes, que colhem ansiosamente, o fruto de tão longa Faina e extenuantes Safras anuais. Largam amarras e partem mundo fora carregados com o precioso Sal Académico, indispensável para vencer os Desafios da Vida. Do Salgado Académico ficará a saudade dos anos marcantes de ser Universitário e da boémia de Aveiro.

ALGIBÊS

Como se nasce e cresce no Salgado de Aveiro

A matéria-prima básica de qualquer Academia são os caloiros que a exemplo do que acontece na Ria de Aveiro chegam com as primeiríssimas chuvas, ao fim do verão, na forma de Lodos ou Lamas. A descrição hierárquica seguinte contempla todos os cursos exceto a Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia de Produção Aveiro Norte (E.S.A.N.) e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (E.S.T.G.A.) que devido ao facto de serem politécnicos o grau de Mestre é atribuído à 4.ª matrícula. Para melhor entendimento, aconselha-se a consulta do quadro resumo na Salina IV.

LODO – versão académica – Sedimento de estudante degradado em que a ”bunda” resíduos de escola secundária e se encontra depositado nas profundezas do Salgado Académico. Quando misturados ou referidos em simultâneo, tomam como nome Aluvião ou Aluviões, conforme o número.

LAMA – Mesmo que Lodo, mas no género feminino.

MATRÍCULAS: Uma e única.

DIREITOS: Não existem.

DEVERES: Todos os que nos apetecer e mais alguns. Quando transportados (pelo seu próprio pé) perante a tribuna, onde se encontra a Salgadíssima Trindade e seus ilustres convidados, no decorrer do Desfile da Semana do Enterro do Ano, os Lodos e Lamas, não baldios, transformam-se em Moliços.

Somente após a abertura da Dragagem, permite-se a escolha de Patrão ou Patroa para que não fique solo baldio.

ALUVIÕES INSOSSOS – Aluviões provenientes de águas doces (entenda-se outras Academias) necessitando por isso, de um ano de permanência no Salgado Académico para adquirirem algum sabor, pois o que seria da vida sem Sal?

MATRÍCULAS: Uma no Salgado Aveirense e uma ou mais noutras águas, que a partir da 2.^a matrícula acumularão.

DIREITOS: Em tempos antigos, quando as cantinas não eram solo sagrado, antes de ocorrerem abusos em locais de pasto tão maravilhosos (ou não), os Aluviões In”sonsos” poderiam deliciarem-se na cantina sem serem perturbados, podendo fazer uso dos utensílios metálicos disponíveis. Atualmente estes têm o direito de não participar em qualquer tipo de Faina depois das dezoito horas treze minutos e quarenta e sete segundos (aconselha-se o uso de um astrolábio), com a exceção que caso a Faina estiver a ocorrer em cima de um ancoradouro só pode abandoná-la antes do início da preia-mar.

DEVERES: Os mesmos que os restantes Aluviões, i.e., todos os que nos apetecerem e mais alguns.

MOLIÇO – É fertilizante 100% natural, agente revitalizador do Salgado Académico. O estudante neste estado ainda se encontra sujeito às vontades das marés, sem poiso certo e, por isso, é necessária ajuda para que se “oriente”.

MATRÍCULAS: A mesma de quando Lama ou Lodo.

DIREITOS: Já têm dois, pode existir e pode trajar.

DEVERES: Os que nos apetecer...

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

Logo após a segunda matrícula o estudante cria raízes na Academia e na Cidade e toma a forma de:

JUNCO – Ou vulgar herbáceo aquático, verde e inexperiente que assiste às Fainas e tertúlias da Faina de Lodos e Lamas, tentando adquirir algum saber na arte.

CANIÇA – O mesmo que Junco (género feminino), mas com linhas mais atraentes.

MATRÍCULAS: Duas.

DIREITOS: Tem três (incrível)... Existir, trajar e usar insígnias.

DEVERES: Não poluir, não atrapalhar a navegação, não praxar Aluviões, etc.

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MOÇO – Já com liberdade de movimentos, está autorizado a entregar-se aos prazeres da Faina, Lodos ou Lamas... conforme os gostos ou tendências.

MOÇA – Género feminino de Moço, espera-se que, tal como ele...

MATRÍCULAS: Três.

DIREITOS: Plenos, de membro do Salgado Académico.

DEVERES: Prestar reverência e mostrar respeito aos mais velhos, em particular aos Mestres. Cumprir e fazer cumprir o código de Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe bem como as tradições e ensinamentos contidos neste (e em caso de dúvida ler o código UMA VEZ MAIS!).

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MARNOTO e SALINEIRA – A finalizar a estadia no Salgado Académico, a sua preocupação é obter a melhor cotação (nota final) pela sua Faina, pois com isso sentem-se prontos para os maiores desafios que lhes surgirem.

MATRÍCULAS: Quatro.

DIREITOS: Todos, mais os que conseguirem.

DEVERES: Recordarem e suspirarem de saudade pelos anos vividos no Salgado Académico, nunca se esquecendo de visitar quem fica.

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MESTRES – Pela sua permanência prolongada no Salgado Académico possuem experiência e a autoridade máxima, sendo verdadeiros detentores do saber viver académico.

MATRÍCULAS: Cinco matrículas ou todas as que conseguirem. Com a exceção da E.S.A.N. e E.S.T.G.A. que devido ao facto de serem politécnicos, o grau de mestre é atribuído à 4.^a matrícula.

DIREITOS: Todos sobre todos.

DEVERES: Respeitar e fazer Respeitar o código de Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe bem como as tradições e ensinamentos contidos neste e contribuir para a tradição Académica Aveirense. Participar nas Caldeiradas de Mestres.

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

☉ ALGIBÉS

Órgãos da Faina

☉ CALDEIROS

Comissão de Faina do curso

☉ SOBRE CABECEIRAS

Competências

Aos elementos da Comissão de Faina do curso cabe incentivar, coordenar e implementar todas as atividades no âmbito do código da “Faina Académica”, nomeadamente: receção ao Aluvião, Fainas de curso, desfile do Enterro e jantares de curso, entre outros, assegurando que todas as atividades se realizem em conformidade com o código. É também competência desta Comissão estabelecer um elo de ligação com o Conselho do Salgado, visando assim um melhor intercâmbio de informação.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Organização interna

A Comissão de Faina deverá ser constituída por um número máximo de 10 elementos mais o Mestre de Curso ou Arrais/Varina e, apesar de todos os elementos desta Comissão terem o mesmo estatuto, por uma questão de funcionalidade, será liderada pelo Mestre de Curso ou Arrais/Varina. Na impossibilidade deste, as funções deverão ser delegadas num qualquer outro elemento da Comissão, sendo da inteira responsabilidade do mesmo todas as ações realizadas por este elemento.

☉ TALHOS

Candidatura e eleição

A eleição dos elementos desta Comissão deverá, para efeitos práticos, ser realizada antes do término do ano letivo, em reunião de alunos, sendo aconselhado para tal o mês de maio.

A forma como se devem processar as reuniões será explicada no Canal Regulamentador da Candidatura e Eleição da Comissão de Faina.

☉ TALHOS

Arrais e Varina

“Sabedores entendidos das artes e ofícios de extrair o Sal Académico. O estudante consegue contornar as dificuldades com jogos de cintura!”

Quando um curso não consiga em reunião de alunos apresentar à Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado um Mestre do Curso para liderar a Comissão de Faina, será eleito um Arrais ou Varina para liderar o curso pelas águas tempestuosas da Faina Académica (de acordo com o estabelecido no Canal II).

MATRÍCULAS: As que os mais versados tiverem.

DIREITOS: O de serem invejados...

DEVERES: Zelar pela organização da Comissão de Faina sendo faróis em noites de nevoeiro para os olhos dos menos iluminados, trabalhando sempre com o intuito de não deixar que a palavra do Código de Faina e da Salgadíssima Trindade seja desrespeitada. Participar nas Caldeiradas de Mestres sempre que convidados pela Salgadíssima Trindade, podendo usufruir do direito à palavra, mas não do direito de voto nestas.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Insígnia

Os elementos desta Comissão exibirão um anzol (de tamanho pequeno e de preferência rombo), que deverá ser colocado na lapela direita do casaco. Após cessarem funções, a insígnia transitará para o gabão, sendo colocada na 2.^a fila, entre o emblema da Universidade e o da cidade de Aveiro.

☉ CALDEIROS

Conselho do Salgado

DEFINIÇÃO:

O Conselho do Salgado é o órgão moderador e fiscalizador da Faina Académica da Universidade de Aveiro. Eleito anualmente com um mínimo de nove e um máximo de treze elementos na Grande Caldeirada de Mestres, sendo a sua tomada de posse na Serenata à Ria. É permitido o acesso a este órgão aos alunos não Mestres, desde que tenham hierarquia igual ou superior a Moços(as) e sejam propostos por um Mestre. Estes últimos podem e devem auto propor-se.

DIREITOS: Todos os elementos do Conselho do Salgado terão os mesmos direitos daqueles que os elegeram, excetuando o direito de voto em Caldeirada de Mestres para os não Mestres. A Academia deve-lhes respeito e obediência, uma vez que foram eleitos para serem a voz da razão nas questões relacionadas com a Academia, o Tertúlio e as Tradições Académicas.

DEVERES: Assento na Caldeirada de Justiça Suprema, onde julgarão a inocência do réu. Organizar atividades da Faina Académica, nomeadamente o Grande Aluvião, juntamente com a Salgadíssima Trindade. Elaborar propostas de atualização da Faina Académica que serão submetidas à Caldeirada de Mestres. Zelar pelo bom funcionamento da Faina e da arte de bem trajar.

INSÍGNIAS: Os membros do Conselho do Salgado, enquanto em funções, exibirão na lapela direita do casaco um saco de sal (peso q.b.), simbolizando... Após cessarem funções, essa insígnia transitará para o gabão, sendo colocada na segunda fila, entre o emblema da Universidade e o da cidade de Aveiro.

ORGANIZAÇÃO INTERNA:

Apesar de todos os membros do Conselho do Salgado terem o mesmo estatuto, por uma questão de funcionalidade, o Conselho terá:

Um/a Conselheiro/a da Faina – Aquele que se faz ouvir, sabe escutar, dialogar, que garante a democracia e, agora a sério, coordena as reuniões do Conselho do Salgado.

Um/a Conselheiro/a Escrivão – O escravo, membro paciente que não se faz ouvir, só escuta. Não dialoga, só escreve porque não tem tempo para mais.

Um/a Conselheiro/a Financeiro – O guardião do cofre sem fundo e sem dinheiro, apresenta as contas e está habituado a somar o número zero.

Deve ainda prever-se a criação de comissões que terão a função de estudar e trabalhar sobre assuntos específicos.

FUNCIONAMENTO DAS REUNIÕES:

É necessária a presença mínima de 2/3 dos seus elementos e as deliberações serão tomadas por maioria e de braço no ar. No caso de exoneração de algum elemento do Conselho do Salgado é necessária a maioria de 2/3 do total dos elementos e o voto será secreto.

COMPETÊNCIAS:

Aos elementos do Conselho do Salgado cabe o assento na Caldeirada de Justiça Suprema, onde julgarão a inocência ou culpabilidade do réu. Um porta-voz eleito no momento, entre os elementos deste Conselho, comunicará à Salgadíssima Trindade o veredito e estes atribuirão a pena.

Caberá ao Conselho do Salgado a tarefa de organizar o Grande Aluvião, contando para isso com um Mestre por curso que trabalhará com uma comissão reunida para o efeito. Qualquer assunto (queixa) suscetível de ser levada a Caldeirada de Mestres ou Caldeirada de Justiça Suprema deverá ser comunicado ao Conselho do Salgado, que em conjunto com a Salgadíssima Trindade decidirá o rumo a dar a essa queixa. O Conselho do Salgado, como órgão mais atento ao desenrolar da Faina Académica, deverá, sempre que achar necessário, elaborar propostas de atualização ao código de Faina que serão sempre submetidas a Caldeirada de Mestres. Cabe a todos e sobretudo aos Mestres, dada a sua experiência no Salgado, zelar pelo bom funcionamento da Faina bem como pelo bem trajar, sendo, no entanto, o Conselho do Salgado o órgão eleito para moderar e fiscalizar a Faina e bom uso do Tertúlio.

 CALDEIROS***Salgadíssima Trindade*****DEFINIÇÃO:**

A Salgadíssima Trindade é o órgão máximo da Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe. Os constituintes deste esbelto e salgado órgão serão escolhidos de entre os Mestres da Academia na Grande Caldeirada de Eleição pelo perfil ereto, reto e de destaque na Faina Académica após o reconhecimento do seu percurso.

MESTRE DO SALGADO – É a entidade máxima da Faina nesta Academia. Este deve ser escolhido com o mais salutar espírito académico, e ser possuidor das mais elevadas qualidades boémias, socioculturais e outras.

DIREITOS: A tudo... A sua palavra é lei!

DEVERES: Ele lá deve saber quais são.

INSÍGNIAS: Uma Pá do sal (grande).

MESTRE PESCADOR – Auxiliar direto do Mestre do Salgado, coadjuvará ou substituirá este, sempre que necessário.

DIREITOS: A tudo, também a sua palavra é deliberação.

DEVERES: O Mestre do Salgado sabe quais são.

INSÍGNIAS: Um lenço tabaqueiro, preso ao pescoço por uma caixa de fósforos.

MESTRE ESCRIVÃO – É o Guardião Supremo do Rol das Caldeiradas ou por miúdos O Magnífico Livro de Registro de Ocorrências Ordinárias & Extraordinárias das Divinas, Deslumbrantes, Etilicas, Gastronómicas e Magnificentes Caldeiradas de Mestres.

DIREITOS: Ele é que os regista.

DEVERES: Os mais chatos ele esquece-se de os registar.

INSÍGNIAS: O Rol das Caldeiradas.

Após cessarem funções, as insígnias (em tamanho reduzido) transitarão para o gabão, sendo colocadas na segunda fila, entre o emblema da Universidade e o da cidade de Aveiro.



Figura 3 - Pirâmide logística da Faina Académica

Apenas os Mestres da Salgadíssima Trindade poderão ultrapassar toda e qualquer proteção, podendo, no entanto, delegar este poder, através de Edital de Faina ao Conselho do Salgado e/ou a outros Mestres de sua confiança.



CALDEIROS

Cagaréus

Desde tempos imemoriais, os saberes e ensinamentos da Faina Académica são adquiridos e transmitidos verbalmente dos mais velhos para os mais novos.

Chegamos, aprendemos, vivemos e sentimos todos esses conhecimentos. É tradição, e é um legado que queremos deixar para a posteridade. Posto isto, a Salgadíssima Trindade, na sua sapiência, decidiu criar um cargo *honoris causa*, consultivo, composto por elementos da Faina Académica (matriculados ou não) que se tenham destacado durante o seu percurso no Salgado Académico em relação aos outros devido a um bom trabalho efetuado na Faina, contribuindo deste modo, com ensinamentos e experiência.

Será então emitido este estatuto pela Salgadíssima Trindade que, posteriormente, levará à aprovação académica em Caldeirada de Mestres, podendo a S. T. ser auxiliada nesta função apenas pelo Conselho do Salgado e pelos Cagaréus.

DIREITOS: Usar do poder da palavra e assistir às votações em Caldeirada de Mestres e, assim sendo, verificar com gládio como são aceites os seus ensinamentos. Ter plenos poderes na Faina Académica enquanto acompanhado por Tertúlia composta por elementos do C. S. e S. T.

DEVERES: Transmitir ensinamentos e aconselhar os Mestres da Academia, para que possam continuar o seu bom contributo, desta vez de forma indireta, mas sempre reconhecida. Assistir a Salgadíssima Trindade relembrando a tradição para que esta nunca se perca.

INSÍGNIAS: Faixa verde, da cor da Academia, atada à cintura descaindo do lado esquerdo até à altura do joelho. Bordado na ponta do pêndulo, a preto, a insígnia da Faina Académica e por baixo o nome pelo qual o Cagaréu é reconhecido na Academia.

ADMISSÃO DE NOVOS ELEMENTOS:

Anualmente só poderá ser atribuído o grau de Cagaréu a um número máximo de três novos elementos. A S.T. deverá consultar os Cagaréus sobre a admissão de um novo elemento.

Tendo noção que este estatuto deve ser usado e não abusado, as seguintes restrições são estabelecidas:

A revogação do estatuto é decidida pela S.T. em conjunto (se possível) com os Cagaréus e votada em CALDEIRADA DE MESTRES.

Não poderá ser imposto a elementos do C.S. e S.T. em função, a alguém que tenha sido condenado em Caldeirada de Justiça Suprema ou tenha feito algo que vá contra o código de Faina.

Poderá ser usada a proibição de atribuição do estatuto como castigo de JUSTIÇA SUMÁRIA ACADÉMICA ou CALDEIRADA DE JUSTIÇA SUPREMA, quando aplicada pela S.T., quer seja temporária, quer permanente.

Nos mesmos moldes em que este estatuto é imposto, ele poderá ser revogado.

SALINA II

VIVEIRO

As artes, aparelhos e palamenta do bem trajar

O traje é um suporte, um reviver de tradições, de usos e costumes Académicos e Aveirenses. Assim, não será de estranhar que se tente fazer uma articulação entre estes dois pilares fundamentais da (sobre) vivência académica. O traje está assente numa base etnográfica sólida. Juntando elementos representativos de algumas das principais indumentárias regionais e aliando a estes um conforto e sentido prático necessários aos nossos dias, deu-se corpo ao que hoje se intitula de “Tertúlio”. Parte das gentes que frequentam esta instituição, não sendo endémicos, têm de obrigatoriamente se integrar o melhor possível numa região que é muitas vezes alheia às necessidades de cada um de nós. Uma boa articulação entre a Academia e a cidade de Aveiro passa sem sombras de dúvidas pelo conhecimento dos costumes da região. Uma Faina que valorize esta faceta da sociedade que integramos, vem contribuir para um enriquecimento cultural e humano, de todos que desta perspectiva comungam, além de posteriormente haver uma ligação forte e mais duradoira com esta cidade, depois das nossas Safras por aqui terem terminado. É fundamental, por estes motivos, que a Faina possua um enquadramento regional forte e digno da riqueza etnográfica desta região.

ALGIBÉS

Fundamentos etnográficos do Tertúlio

Ao Tertúlio estão associados elementos etnográficos importantes da indumentária regional. Assim, quer o Tertúlio masculino, quer o feminino possui notas explicativas relativas às peças que maior significado possuem.

Quanto à cor do Tertúlio, refere-se o facto de que o preto está intimamente associado ao movimento estudantil, enquanto o bordado em volta do casaco e do colete servem de identificação desta Academia.



Figura 4 - “O Moço dos Ramos”
envergando um gabão

O colete feminino possui corte arredondado (decote) e desenha um antigo efeito, hoje apenas observável nos trajes usados por grupos folclóricos da região, criado pelos diversos fios de ouro quando pendurados ao peito das mulheres. O uso destes fios de ouro era vulgar sobretudo nas mulheres de famílias mais abastadas. O colete, hoje, é todo preto com uma risca verde-escura a delinear o decote e tem dois botões em par com o símbolo da Universidade de Aveiro, antes da linha verde e mais quatro após a linha. A parte de trás do colete é feita de cetim preto e tem duas fitas pretas que começam na parte de tecido e unem-se num nó/laço.

O cordão era antigamente usado pelas varinas para prender as saias aquando do puxar de redes de arte xávega para terra.

Os lenços, usados por grande parte das mulheres da região, independentemente da sua classe social, pois estes apenas a refletiam, eram usualmente de grandes dimensões e encontram-se hoje no Tertúlio académico feminino numa forma mais reduzida, facilitando o seu uso.

O laço é de um tecido mais leve que o colete (não é de cetim), não tem volume e do lado direito encontra-se bordado o símbolo que a todos nos une.

O gabão, este traje de uso comum, podia ser usado como vestimenta de trabalho (castanho) ou como traje domingueiro, este último de cor preta. É de salientar a importância que este traje teve na história de Portugal, sendo mesmo responsável pelo nome de um país africano (Gabão). O gabão tanto se encontra no Tertúlio masculino como no feminino sem nenhum tipo de alteração. O comprimento deste, quando envergado corretamente nos ombros, deve ser aproximadamente a um palmo do chão, medido descalço.

Amigos, a gravata é fundamental! Esta cidade sempre acarinhou e desenvolveu a indústria ligada a esse nosso e fiel amigo, “O Bacalhau”. Depois de exaustivos e prolongados estudos no Museu Marítimo de Ílhavo (aconselhamos desde já a sua visita) sobre esta espécie, o seu “modus vivendi”, a sua captura, cura e salgação, criou-se ao terceiro dia a “Gravata Bacalhoeira de Aveiro”. Esta Academia não traja com gravata, mas sim, presta a justa homenagem à espécie em causa e aos homens que há séculos para a Terra Nova se dirigiram, erguendo grandes e valiosos esforços para a sua captura.



Figura 5 - Trajes Regionais de Aveiro

O tecido desta é negro, significando as tormentas por que passaram os avós desses homens que ainda hoje se dedicam a esta atividade. E, obviamente, ao nosso mui nobre e fiel amigo. Nela se encontra também bordado o símbolo que a todos nos une (na vertical e no meio da gravata).

Uma pasta académica preta com um cordão de pesca tingido de verde, que representa o mastro dos mui belos moliceiros. Como qualquer moliceiro só se encontrará completo para navegar quando possuir uma vela que só poderá ser colocada no ano de finalista, pois só aí se atinge o saber que permite abraçar os canais do conhecimento.

CALDEIROS

Não vamos menosprezar

As outras peças que constituem o Tertúlio académico são de indubitável necessidade, não tendo um significado especial quanto ao enquadramento etnográfico. São elas respetivamente: a camisa, a saia e calça, o casaco, os sapatos, as meias, os botões e o colete masculino.

A irreverência estudantil teve também o seu lugar, como não poderia deixar de ser. Assim, surgem outras peças como o “soutien”/corpete e as cuecas masculinas. A primeira, de grande importância, revela uma medida de personalidade, ou parte dela, por parte de quem o utiliza, além de perfumar e enaltecer a majestosa figura da Académica Donzela Aveirense. As cuecas/boxers devem ser brancas (imaculadas), com o símbolo da U.A. estampado em padrão na cor verde (cor da Academia), ou na cor preta. Devem ser relativamente largas, permitindo assim um bom arejamento da área em questão. Alerta-se, também, que o mau uso ou uso inadequado (apertadas) deste tipo de peça leva à perda parcial e mesmo total de potência. **Os botões de ambos os Tertúlios devem possuir o símbolo da Universidade de Aveiro.**

Em resumo, deve referir-se que:

NO TERTÚLIO FEMININO:

A **camisa** é de algodão, branca, sem botões no colarinho, com 3 botões em cada punho, 1 botão falso (i.e. sem casa) na parte detrás do colarinho e os botões são todos brancos;

A **saia** preta, de lã e trevira e de cintura alta, deve estar a cerca de três dedos acima do joelho (deve ser comprovada esta medida sempre que possível) com a racha (da saia) atrás (cerca de 6-7 cm);

O **casaco** é preto, do mesmo tecido da saia e colete, sem botões no pulso. Tem quatro botões grandes com o símbolo da U.A. na parte da frente e um bolso de cada lado do casaco fechados e redondos. Em ambas as extremidades do mesmo há uma risca verde-escura (não continua em baixo, termina no final em altura);

O **colete** feminino possui corte arredondado (decote), é todo preto com uma risca verde-escura a delinear o decote e tem dois botões em par com o símbolo da Universidade de Aveiro, antes da linha verde e mais quatro após a linha. A parte de trás do colete é feita de cetim preto e tem duas fitas pretas que começam na parte de tecido e unem-se num nó/laço;

O **laço** é de um tecido mais leve que o colete (não é de cetim), não tem volume e do lado direito encontra-se bordado o símbolo que a todos nos une;

Os **sapatos** são todos pretos, com um salto de cunha, com um mínimo de 3 cm e um máximo 5 cm de altura, sem atacadores, sem fivelas e fechados (sapato clássico);

As **meias** (de vidro, tipo “collants”) são de cor preta.

NO TERTÚLIO MASCULINO:

A **camisa** é também de algodão, branca, sem botões no colarinho, com um botão branco em cada punho;

As **calças** são de lã e trevira, pretas, com 4 pinças na parte da frente e duas de cada lado da braguilha. Têm um bolso aberto de cada lado das calças e um na parte de trás com botão. Para além disso têm presilhas para colocação de cinto, também ele preto, dois botões para apertar, um tapado pelo tecido, outro que se vê e têm dobra no final;

O **casaco** é preto com um bolso de cada lado, e um pequeno no lado esquerdo em cima. Por dentro, possui três bolsos: um bolso de cada lado do casaco com botão a fechar (tipo o exterior da calça) e um mais pequeno do lado esquerdo localizado mais abaixo. Na parte de fora tem três botões grandes com o símbolo da U.A. localizados do lado direito e, como o casaco feminino, tem também uma risca verde-escura em ambos os lados, que começa na lapela e termina em baixo, um pouco mais para dentro;

O **colete** masculino é preto, com uma média de 4,5 botões com o símbolo da U.A. (mais pequenos que os do casaco), a parte de trás é de cetim preto, liso e tem duas fitas do mesmo tecido que partem da costura lateral do colete e se unem com uma fivela preta. Tem dois bolsos fechados de cada lado e duas riscas na vertical, em verde-escuro, que vão do princípio até ao fim do tecido a direito;

A **gravata** é de tecido preto e nela se encontra também bordado o símbolo que a todos nos une (na vertical e no meio da gravata);

Os **sapatos** são todos pretos, sem fivelas e fechados (sapato clássico, nunca sapatilhas nem derivados), com atacadores pretos;

As **meias** são de cor preta.

A pasta académica que acompanha o Tertúlio deverá ser completamente preta tendo a meio um cordão de pesca tingido de verde que a abraça totalmente, sendo unido na extremidade por uma aplicação com o símbolo da Universidade. O uso da pasta não é obrigatório. No entanto, no caso de transporte de acessórios académicos de pequeno porte (livros, calculadoras, etc.), o seu uso é obrigatório quando trajado!

A pasta será complementada no ano de finalista com uma vela feita de lençol branco que obedecerá ao formato de vela de moliceiro, não excedendo os limites da pasta. Esta vela encontrar-se-á presa ao cordão no interior da pasta e não deverá ser visível com a pasta fechada. **Atenção!!! As velas utilizam-se na pasta e não nos sapatos!!!**

É de referir que em caso de dúvida quanto ao número de peças, seu corte, e mesmo quanto à constituição do Tertúlio, existe na A.A.U.Av. um exemplar deste que retirará todas as dúvidas, mesmo aos mais salgados céticos



SALINA III

“Traje académico”



VIVEIRO

Trajar

O bem trajar começa por trajar. O Tertúlio é o fiel companheiro (este não ladra) do estudante Aveirense, acompanhando-o ao longo do seu percurso académico (e não só!), desde as Atividades de Faina e Lutos aos momentos mais boémios, tais como os Arraiais, encontros de Tunas, Serenatas, momentos solenes e (nunca) esquecendo os etílicos Jantares Académicos e tudo mais que a Ria traz.



ALGIBÉS

Como bem trajar

O Tertúlio estará bem envergado quando todos os botões que o compõem estiverem abotoados (exceção feita ao gabão) quando em pé as calças estiverem a tocar nos sapatos, não se vendo as meias.

A gravata/laço e os sapatos devem estar apertados.

Tal como o Fogueteiro não carrega o ramo de flores e a Parceira do Ramo não acende o foguete (para os menos eruditos na iconografia Aveirense, é recomendada uma visita atenta à Capitania), também não se misturam peças entre o Tertúlio masculino e feminino. Entende-se que dentro das nossas igualdades, todos somos diferentes, devendo ser assumidas as nomenclaturas inerentes ao Tertúlio escolhido.

Quando trajado, o gabão não poderá ficar em casa, carro, etc. O gabão é pessoal e intransmissível! Este tem de permanecer imaculado (sem rasgos ou atentados à sua dignidade), desde a sua aquisição até ao abandono desta Academia.



Figura 6 – Modelos do Tertúlio masculino e feminino

O gabão deverá estar dobrado três vezes da direita para a esquerda, (o sentido do movimento é para a pessoa) com o seu interior virado para fora (armas e emblemas à vista), e pousado sobre o ombro esquerdo com o capuz para o lado das costas (e corretamente agasalhado dentro das dobras do gabão), poderá também, estar devidamente envergado sobre os ombros.

Não devem ser usados quaisquer adornos extra Tertúlio, citando como exemplos, brincos e piercings psicadélicos, maquilhagem suscetível de causar cegueira (batons, sombras, etc.), elásticos ou fitas para o cabelo fluorescentes, luvas, guarda-chuva, bengalas, pistolas, televisões, patins, “antenas”, aparelhos auditivos não essenciais, carteiras, cabeleiras, tacos, máscaras, quadros, capacetes, objetos contundentes. Contudo, são tolerados e mesmo aconselhados óculos escuros (devido à luminosidade muito própria desta cidade), relógio para se poder respeitar o quarto de hora académico, garrações, “borrachas”, leitões, sacos de sal, mariscos diversos e por último ovos-moles. Além disso, caso a pasta não consiga acomodar os mais diversificados materiais académicos do dia a dia, é permitido o uso de mochilas, malas de computador, estojos e caixas de instrumentos musicais ou de trabalho, salvaguardando-se a bela silhueta e evitando “Quasimodos” a vagarejar pela cidade.

De forma a evitar que o colete do nosso Tertúlio deixe de servir às belas raparigas que populam a nossa Academia aconselhamos vivamente o porte de um ou mais preservativos, em número inferior à vintena, a acompanhar o Tertúlio. Entenda-se que, embora não estando definitivamente proibidos alguns adornos e adereços, apela-se aos mais vaidosos a sobriedade da simplicidade e descrição. Todas as formalidades relativas ao uso do Tertúlio deverão ser levadas em consideração em Caldeirada de Mestres, especialmente em questões relativas à representação desta Academia.

É de lembrar que existe uma relação direta entre o momento solene e o saber estar à altura, tal como a famosa relação “enguia-caldeirada”. O bom senso deverá ser consultado com urgência em certos e determinados casos de (in)decisão. Todo e qualquer desrespeito ao mesmo são puníveis com presença em Caldeirada de Justiça Suprema.

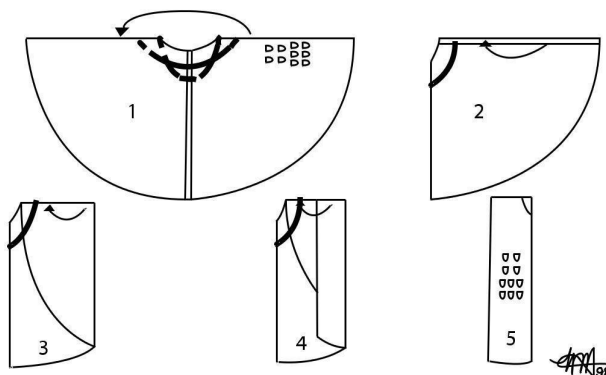


Figura 7 - Como se dobra o Gabão.

Caso subsistam dúvidas após este momento de solene reflexão, aconselhamos aos nossos ilustríssimos colegas do Salgado Académico Aveirense a consulta a membros mais experientes e conhecedores sobre o modo de uso do Magnífico Tertúlio.

☉ ALGIBÉS

Exceções

☉ CALDEIROS

Lutos

O máximo respeito deve ser reservado aos que por esta tragédia são atingidos, como sinal de luto um tecido negro deverá cobrir as insígnias que se encontram na lapela, simbolizando desta forma o afastamento físico da(s) pessoa(s) em causa. Outra razão, é porque na dor todos os membros desta Academia são iguais e solidários.

Todas as praxes serão suspensas, por razões óbvias, em momentos de luto, representações, homenagens póstumas e em momentos solenes e formais. Exceção poderá ser feita ao Grande Aluvião e à Roncada, cabendo à S.T. deliberar se tal se justifica.

É também previsto que nenhum emblema ou “pin” poderá ser visível em circunstância alguma durante o uso do Tertúlio nestas condições. Assim, se a parte metálica de algum “pin”, ou linha de “cosedura” de um emblema estiver nestas condições, deverá ser retirado.

O gabão, quando dobrado, deve agasalhar o capuz e tapar os emblemas, sendo este envergado sobre o ombro direito. Esta será a única situação em que o gabão pode ser transportado sobre aquele ombro.

☉ CALDEIROS

Núcleos, Tunas e outros Movimentos Associativos

Estes merecem uma atenção especial devido ao trabalho desenvolvido e, por isso, de algum modo deve ser reconhecido pelos colegas do Salgado Académico.

Quando o traje de um grupo associativo o exigir, poderão ser usadas peças extra traje, desde que previamente aprovadas em Caldeirada de Mestres. Salvaguarda-se à Tuna Universitária de Aveiro o direito do uso do gabão do lado direito e os “pins” do lado esquerdo. Salvaguarda-se ainda o direito exclusivo da “praxe” aos elementos das tunas relativamente aos seus Lodos ou Lamas quando de atividades com elas relacionadas de forma a respeitar os códigos de praxe internos de cada tuna, salvaguardando o respeito por este regulamento e a magna intervenção da Salgadíssima Trindade. As insígnias dos núcleos da A.A.U.Av. devem ser atribuídas aos elementos que sejam considerados dignos de transportar tal insígnia, por serviços prestados, ou por terem contribuído de forma inequívoca para o avolumar do prestígio e fama destes. Cabe à direção dos núcleos esta responsabilidade.



CALDEIROS

Cartas de marear

Entende-se que dentro das nossas igualdades, todos somos diferentes. Visto isto, o MESTRE DO SALGADO pode, na sua sapiência, emitir uma carta de marear ao indivíduo que necessite de uma exceção às regras de bem trajar por necessidade médica.

Esta isenção, que é pessoal e intransmissível, deve ser pedida por escrito ao C. S. e S. T., juntamente com documentos médicos e oficiais (caso se aplique) que justifiquem a sua necessidade. Após este pedido à S. T., nomeadamente o MESTRE DO SALGADO, após reunião com o C. S. decidirão a maneira mais adequada dentro do espírito do bem trajar e se será ou não emitida a carta de marear temporária ou permanente.

Será então entregue ao indivíduo um documento escrito à mão no formato A4 e uma cópia deste em formato A5 assinados pelo requerente e pelo digníssimo MESTRE DO SALGADO onde será indicada a forma correta de trajar adequada ao caso específico, estando então o requerente sempre que trajar obrigado a ter em seu poder o formato A5 da carta de marear e resguardando o formato A4 para que na eventualidade de extravio do formato portátil seja lesto o seu processo de reemissão.

Posteriormente, serão anunciadas as cartas de marear emitidas entre cada CALDEIRADA DE MESTRES para conhecimento geral. Sempre que se verifique mau uso de uma carta de marear, os faltosos envolvidos terão como penalização máxima uma Caldeirada de Justiça Suprema e tudo o que daí possa advir.

SALINA IV

VIVEIRO

Imposição e mérito de insígnias

Se pensarem que esta Salina se vai debruçar em questões de disputas pelo poiso, elitismos ou cenas extraconjugais... estão enganados. Se desesperas, se procuras desenfreadamente a insígnia, como se estivesses em frente daquelas caixas azuis com quatro moedas na mão após uma conversa frutífera... control(a-te). Se foste fazer um safari fotográfico, e conseguiste caçar o inalcançável grifo trazendo-o, como troféu e exibindo-o no teu cinto de pele perante a Academia... ganha juízo.

A insígnia não é um prémio relativo à tua pretensa superioridade, mas sim um símbolo de dignidade e responsabilidade para com todos e, acima de tudo, para com a Academia. Ser portador de insígnia(s) é o carregar de experiências adquiridas, de sapiência, de loucura, de participação académica, etc. Fica, pois, à responsabilidade de cada um, envergar as insígnias que são justa e merecidamente conquistadas.

A aquisição de insígnias a metro ou ao quilo constitui grave ofensa à Faina Académica, incorrendo em penalizações a definir pelo Mestre do Salgado, Caldeirada de Mestres, ou por outras pessoas com poderes delegados pelos anteriores.

ALGIBÉS

O gabão

As insígnias do gabão ficam sujeitas à seguinte ordem:

- Emblema de Portugal
- Emblema da terra natal / cidade residente
- Emblema da Universidade de Aveiro
- Emblema da cidade que nos acolhe
- Emblema da A.A.U.Av.

No caso do uso de emblemas de núcleos da A.A.U.Av., estes deverão ser colocados em sexto lugar.

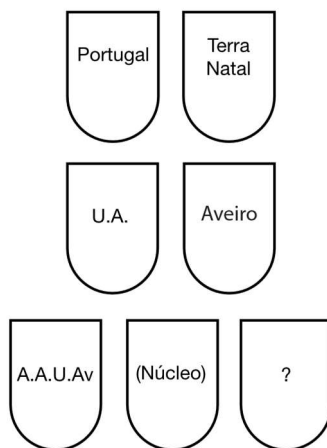


Figura 8 - Posição das Insígnias

Todas as insígnias têm de ser cosidas em linha preta na parte interior do gabão com ponto invisível, do lado esquerdo, do meio para baixo e da direita para a esquerda.

As insígnias obrigatórias serão colocadas duas a duas perfazendo as duas primeiras linhas. Nas restantes linhas as insígnias serão colocadas três a três, não havendo restrições em termos de paridade (ser em número par ou ímpar).

ALGIBÉS

Os nós

Quando os Lodos e Lamas chegam à nossa Academia, tal como está descrito na Salina introdutória, estes não têm direito a usar qualquer tipo de insígnia (nem Tertúlio). Isto porque, e após 175.200,3 horas de estudos estatísticos de destreza motriz e mental, não se conseguiu que estes executassem um simples e banal nó de Azelha. Aliás, vários incidentes se deram, tornando esta tarefa inviável e o consequente apelo à razão de que se tentava o impossível.

Poderão eventualmente, para não se sentirem marginalizados e no caso de terem a sorte de ser adquiridos por um Patrão(oa), usarem uma atadura (nó de Azelha). Esta apenas pode ser oferecida pelos Patrões após a abertura oficial, dada pelo Mestre do Salgado, da Dragagem do Salgado Académico.

Após a Semana do Enterro, sendo já Moliço, aconselha-se, para os não cardíacos e sensíveis ao colesterol, o uso do Tertúlio – Símbolo Máximo desta Academia. No entanto, todo o Tertúlio deve-se manter virgem e imaculado (sem emblemas ou insígnias), podendo ser colocado o “pin” da nossa Universidade, na lapela esquerda, demonstrando assim o orgulho de ser membro da nossa Faina Académica.

O Junco e a Caniça terão como insígnia o nó de Coxim Redondo de cor verde. Cor esta que simboliza, por um lado, a cor do Junco, por outro, representa a imaturidade ainda sentida pelo segundo-anista. Com o decorrer do ano, estes vão crescendo, precisando de fazer a barba mais vezes e colocando no lixo o “clear stick”.

Chega o terceiro ano, estes tornam-se Moços(as) e já podem, assim, colocar ao lado do seu nó verde inicial, um outro nó. Com efeito, o Moço(a) tem agora a honra de ser possuidor(a) de dois nós de Coxim: o primeiro, de cor verde, e o segundo, de cor castanha.

Este acumular não para aqui. Na passagem destes para Marnoto ou Salineira, no quarto ano, este digno terceiro nó, transforma-se em branco cru (símbolo da paz), enfatizando, mais uma vez, o sal – ex-libris da cidade - e atenção! A todos os que não defenderem as cores das suas insígnias: o algodão não engana!!!

Quando, por fim, se atinge o venerável estatuto de **Mestre**, coloca-se, por cima das entretanto alcançadas insígnias, uma fina rede de pesca verde. Rede esta que simboliza o momento de espera no Salgado Académico de Aveiro. O largar das amarras da Academia fica para mais tarde. A rede irá situar-se por inteiro na lapela do casaco, seguindo os contornos da mesma, cosida nos três vértices desta com linha preta. O Mestre Académico, dedicado e exemplar, não possuindo Safras suficientes, guarda as Safras já conseguidas sob uma cobertura protetora contra as intempéries.

Falta, por último, notar que estes nós deverão estar na lapela direita do traje académico, **colocados da direita para a esquerda e de baixo para cima. O nó de Azelha irá situar-se na extremidade inferior da lapela, tendo acima os nós de coxim redondo par a par consoante o número de matrículas.**

Todos estes nós serão fixos com pequenos alfinetes, sem que estes sejam visíveis.

Demonstrando, assim, os anos de matrícula e as saudáveis participações na Faina Académica. A lapela direita do traje fica assim reservada em exclusivo para as insígnias da Faina Académica.

Aos que conseguem finalizar o curso dá-se o direito de usar o magnífico Tertúlio, para assim poderem recordar e suspirar de saudade pelos anos vividos na Universidade e no Salgado Académico. Assim, na Serenata à Ria é obrigatório acrescentar uma rede branca que ocupe a lapela direita do casaco. No caso de já se ter atingido o venerável estatuto de Mestre, esta irá sobrepor a rede verde identificativa desse mesmo estatuto. Aqueles que milagrosamente conseguem finalizar o seu curso sem atingir o estatuto de Mestre, deverão colocar apenas uma rede branca.

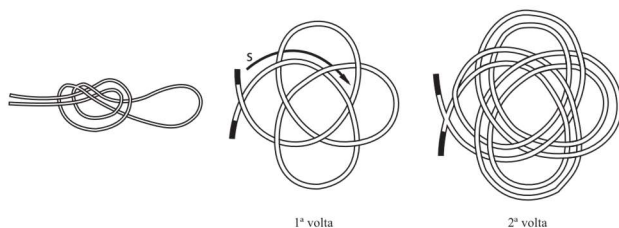


Figura 9 - Nós utilizados

Executa-se como se fosse uma laçada dada no seio dum cabo.

Obtém-se planificando as Pinhas de Anel. As suas características são, portanto, as das Pinhas de Anel de que derivam (ver “Arte de Marinheiro”, Cap. X). Consideremos uma Pinha de Anel. Depois de planificada, esta Pinha apresentará o aspeto à esquerda. Todavia os Coxins são normalmente cobertos a duas, três ou mais, a fim de se obter maior consistência e melhor efeito decorativo.

O Cxim representado à esquerda pode cobrir-se por exemplo a duas, seguindo o chicote “b” paralelamente ao cordão que tem início no chicote “a” (seta S da figura à esquerda). Assim se chegará à figura na página seguinte.

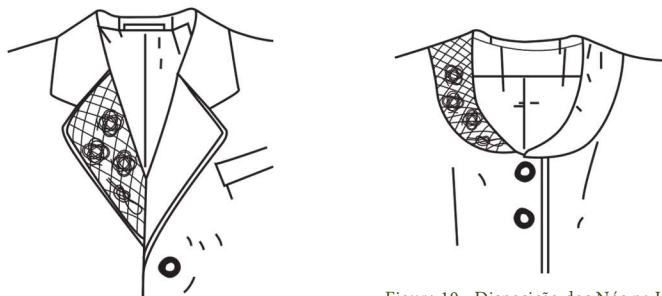


Figura 10 - Disposição dos Nós na Lapela do Casaco

O nó de Azelha deverá ser colocado em primeiro lugar verticalmente na parte inferior da lapela direita.

Em suma:

Moliços: Nó de Azelha, cor de curso – 1.^a matrícula

Juncos e Caniças: Nó de Coxim Redondo, verde – 2.^a matrícula

Moços e Moças: Nó de Coxim Redondo, castanho – 3.^a matrícula

Marnotos e Salineiras: Nó de Coxim Redondo, branco cru – 4.^a matrícula (no caso da E.S.A.N. e da E.S.T.G.A., o nó branco é colocado na 3.^a matrícula)

Mestres: Rede de pescador a sobrepor todas as insígnias, de cor verde – a partir da 5.^a matrícula (no caso da E.S.A.N. e da E.S.T.G.A., na 4.^a matrícula)

Em tudo isto, é necessário não esquecer que todas estas insígnias, cujas pontas terão 1,5 centímetros, serão falçadas e unidas com linha da cor do nó quando o respetivo ano estiver concluído na sua totalidade. Todos os nós são acumulados e dispostos no Tertúlio em conformidade com o descrito e demonstrado na Figura 10.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Os nossos Cursos... os nossos Núcleos...

E porque nem só de pão vive o Homem, também no Salgado de Aveiro, as atividades extracurriculares imperam. Assim, e para que estas sejam justamente reconhecidas, torna-se necessário contemplar os núcleos da A.A.U.Av.

As insígnias respeitantes aos núcleos terão de ser aprovadas em Caldeirada de Mestres e a respetiva imposição deverá ser feita na cerimónia anual de imposição de insígnias, Serenata à Santa Joana Princesa, a título simbólico, e a transmissão dentro dos corpos gerentes dos núcleos estará a cargo do responsável pelo mesmo.



VIVEIRO

Linhas e anzóis de bem praxar

Feita que está a hierarquia entre os membros desta laboriosa Academia, é necessário estabelecer linhas mestras e diretrizes que assegurem um ambiente de cordialidade, de sã convivência e, acima de tudo, respeito – sim, porque o respeitinho é muito lindo e indispensável para o sucesso das inúmeras tertúlias, boémias e fainas. Cabe aos mais velhos ensinar e orientar os mais verdes e Moços nas difíceis artes e manhas da Faina. Cumpre aos mais verdes e Moços demonstrar gratidão e respeito aos mais velhos e com especial reverência ao Mestre do Salgado e Mestres, por tais ensinamentos e atenções de que são objeto. Aos Lodos e Lamas recém-chegados, desejam-se ricos em nutrientes, cheios de potencialidades e isentos de maus cheiros. Espera-se que causem o menor incômodo enquanto aguardam pacientemente a sua transformação de elementos dos recintos académicos em membros desta Academia. Seguindo esta linha de pensamento, é necessário encaminhar os Lodos e Lamas recém-chegados e sedentos de conhecimento.



ALGIBÉS

Quem pode praxar no Salgado Académico de Aveiro

Na ria e no mar, só os profissionais habilitados e experientes, ou os armadores autorizados, se podem entregar às artes e ofícios da pesca e da navegação, incorrendo em grandes penalizações se o fizerem sem as devidas licenças (Em suma: CTeSP, licenciaturas, mestrados integrados, mestrados opcionais, pós-graduações e derivadas Unidades Curriculares Isoladas ou equivalente - microcredenciais).

No Salgado Académico de Aveiro, as artes & prazeres de praxar Lodos e Lamas, ou outros, estão apenas abertas aos membros mais velhos que Moços. Porquê?... Este trabalho, ao contrário do que se pensa, exige muito saber, experiência e muita, muita criatividade... Caros, conseguem imaginar Molições, Juncos e Caniças com tais capacidades?

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

Para exercerem o direito de praxar é obrigatório que se constitua uma tertúlia, ou seja, pelo menos 5 elementos Moços(as) ou de hierarquia superior.

EXCEÇÃO DE FAINA:

Os Juncos ou as Caniças só podem “praxar” se fizerem parte da Comissão de Faina. Estes só poderão fazer parte desta caso os lugares não forem ocupados por elementos com maior permanência no Salgado Aveirense.

Os restantes Juncos ou Caniças só poderão exercer direitos praxísticos se estiverem reunidas todas as seguintes condições:

Estiver a decorrer uma Faina organizada pela Comissão de Faina do seu curso.

Cada Junco ou Caniça pode apenas praxar um quinto (1/5) de Lodo ou Lama.

Cada grupo de cinco (5) Juncos e/ou Caniças só poderão praxar um Lodo ou Lama indicado pela Comissão de Faina. Só poderão exercer este direito se a Comissão de Faina autorizar, pois a mesma será responsável pelos atos dos Juncos e/ou Caniças.

Se a maioria do grupo for Juncos só poderão praxar um lodo, e se a maioria for Caniças só poderão praxar uma lama.

A Faina só pode decorrer na presença e com a autorização da Comissão de Faina.



CALDEIROS

Direitos e deveres dos Patrões e Patroas...

Vista do céu, a nossa ria é uma manta de retalhos unidos por esteiros e canais. Estes, sob a forma de salinas, ilhas, ilhéus ou arrozais, foram e são propriedade privada muito desejada pelas gentes locais, pois são bem conhecidas as suas qualidades para a agricultura, piscicultura, salinicultura e produção pecuária.

No SALGADO ACADÉMICO os ilustres membros de hierarquia igual ou superior a Moço(a), podem também desfrutar do direito de possuírem uma porção de terra, leia-se Lodo e Lama, passando a acumular o título de Patrão ou Patroa de um recém-chegado à Academia.

DIREITOS DOS PATRÕES E PATROAS:

Os Patrões ou Patroas têm direito a ter um número de Lodos ou Lamas, por ano, igual ao número de matrículas.

Esses Lodos ou Lamas não se podem recusar a ser “praxados”, mas, contudo, todavia, no entanto, o seu Patrão / Patroa, estando presente, poderá não autorizar a Faina.

Têm direito à Indemnização Académica, quando os seus Lodos e Lamas sejam praxados por outros sem a devida autorização ou convite.

DEVERES DOS PATRÕES E PATROAS:

Impedir, caso assim o entenda, que qualquer pessoa “praxe”, polua, roube, coma, exporte, expluda e/ou faça cosméticos com os Lodos e Lamas entregues à sua responsabilidade.

No caso de abuso de Faina de outrem nos seus Lodos e Lamas, terá de cobrar a Indemnização Académica ao abusador.

Esta indemnização é estipulada caso a caso, pelo Patrão ou Patroa, e em casos mais graves pelo Mestre do Salgado Académico devidamente acompanhado pelos MESTRES PESCADOR e ESCRIVÃO ou CALDEIRADA DE MESTRES.

Instruir, recuperar, tratar, reciclar e orientar os Lodos e Lamas para a vida académica.

Qualquer Patrão ou Patroa até ao nível hierárquico de Marnoto ou Salineira perde o seu direito de proteção perante o nível hierárquico de Mestre.

Entendemos que o papel (higiénico) dos Patrões e das Patroas é vital para a integração dos Lodos e Lamas, bem como para a descoberta do novo meio em que se encontram. A fim de incentivar e favorecer esta função e responsabilidade dos Patrões, é interdito qualquer laço de parentesco prévio entre estes e os Aluviões.

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

Porque temos orgulho de ter uma tradição única e fundada na região e hábitos de Aveiro, temos de proteger a nossa individualidade. Todos os que insistirem em apelidar os Aluviões de caloiros, os Patrões ou Patroas por padrinhos ou madrinhas, assim como falharem na designação correta da hierarquia, poderão ser alvos na hora de Justiça Sumária Académica aplicada pelo Conselho do Salgado ou Salgadíssima Trindade.



SOBRE CABECEIRAS

Ferramentas e materiais utilizados para “praxar” Lodos e Lamas

Não se pode dizer que todos os Lodos e Lamas sejam iguais, tudo depende do grau de dissolução dos detritos na água e como se sabe a água é fonte da vida. Os Lodos e Lamas contribuem com sais minerais indispensáveis e são ainda incubadoras e habitat de inúmeras espécies aquáticas.

É, pois, de extrema importância que os materiais e equipamentos utilizados para “praxar” os Lodos e Lamas respeitem as normas comunitárias de defesa e conservação do meio ambiente.

Os aptos, no fim de cada jorna, deverão assegurar a recolha e reciclagem dos desperdícios de tais fainas e tertúlias.

Ficam, pois, interditos os seguintes materiais ou equipamentos: berbequins elétricos, motosserras, bombas atómicas, ovos podres, efluentes domésticos e industriais, martelos pneumáticos, graxas de sapatos, caças-bombardeiros e finalmente Fornos de Algodres. Recomendam-se misturadores, pêssegos nas suas mais variadas formas, tamanhos e feitios (sem caroço), repastos em alegre convívio, ultraleves, moliceiros, leitão à Bairrada, “espetadas”, ovos-moles, pão quente e..., acima de tudo, muita criatividade. Deve todo o material ser concebido exclusivamente para uso em humanos ou animais.

Em todas estas cerimónias será de bom-tom não esquecer o enquadramento do cenário em questão, o qual não se deve menosprezar e para isto recordemos o material necessário: bandeiras da Universidade, da cidade, do distrito, de Portugal, da Península Ibérica, não esquecendo as bandeiras da Europa (de preferência comunitária), de África (atenção ao passado), de Marrocos (nossos vizinhos), da Austrália, do Brasil (né...) e, finalmente, de Calções de Baixo (esta de uma maneira especial). Na parte logística não convém esquecer a necessidade da existência de amplificação sonora, com cerca de 5.000W distribuídos pelos 7 canais da Ria, bebidas frescas com cubos de gelo triturados em forma de poliedros em pó e bases para copos recortadas simetricamente em relação a um espelho partido (nada de azar). E para que nada falte, nada melhor do que uma boa cadeira de realizador em fibra sintética (sim porque há que proteger as espécies...) com dois pés, para o teste final do equilíbrio.



SALINA VI



VIVEIRO

O outono...

Nesta Salina fala-se resumidamente das cerimónias, rituais e festas que marcam e celebram a vida académica. As maiores festividades ocorrem por alturas do início do outono com a receção ao Aluvião e no início da primavera com o Enterro do Ano.



ALGIBÊS

Calendários, ampulhetas, marégrafos e afins da safra anual...

Tal como as marés, toda a vida académica se subordina aos caprichos do tempo, do sol e da lua, que de equinócio a solstício ou de quarto em quarto - não é isso seus maliciosos(as) - moldam a natureza do homem e da mulher, no nascer, no crescer, no amar, no reproduzir e no morrer. Do equinócio de outono ao equinócio da primavera esta lagunar Academia está sujeita a um fenómeno que já ocorria no Antigo Egito. Eram as cheias do rio Nilo que nas suas passagens depositavam ao longo das suas margens lamas & lodos. Ficou este material rico em matéria orgânica conhecido por aluvião. Os antigos egípcios recebiam estes aluviões num misto de alegria e receio. Para minimizar os males associados a este fenómeno os Faraós ordenaram a construção de um complexo sistema de engenharia hidráulica, que permitiu a este povo receber das cheias os seus benefícios. As gentes que habitam ao longo da bacia hidrográfica do Baixo Vouga e respetivo sistema lagunar, a Ria de Aveiro, a exemplo daquela civilização, aprenderam a tirar o melhor partido dos lodos e das lamas da nossa Ria. É com estes materiais que se recompõe e se prepara anualmente as salinas para cada safra. É também nestes mesmos materiais que todos os anos nasce e se desenvolve o precioso moliço – fertilizante natural utilizado na agricultura da região.

Com a mesma preocupação e o mesmo saber, esta Academia prepara-se, por altura do equinócio de outono, para a receção dos novos Aluviões (matéria-prima indispensável à regeneração académica), este momento é festejado, entre “Roncadas”, bailes e “Dragagens” dos Lodos e Lamas, com rituais diversos de alegria e satisfação. Nestes festejos, os Lodos e Lamas são encaminhados através dos esteiros e canais da região e depositados nas salinas, nas ilhas, nos arrozais, nos departamentos, na E.S.S.U.A., na E.S.T.G.A., na E.S.A.N., etc. conforme as suas procedências, composições e seleção superior prévia. Infelizmente, este é um processo moroso, pois esta matéria desloca-se e repousa ao sabor das marés e dos humores do clima, entupindo e açoriando os canais, os esteiros, as cantinas, o C.U.A., o B.A. (ahhh, que saudades!!!)... A navegação pela Academia torna-se um teste à paciência e resistência de todos.

Contrariar esta movimentação desordenada, dentro do espírito da Faina Académica, é uma das competências e obrigações de todo o Moço(a) ou membro mais velho desta Academia.

Na primavera renova-se o ciclo da vida. Acabam as longas chuvas e intempéries. É tempo de renovar e de amar. É tempo de preparar as salinas para nova safra e das embarcações saírem do defeso para pintarem a ria com os reflexos coloridos das suas velas, proas e popas. As gentes da região, e não só, celebram e dão as boas-vindas a esta estação numa das mais antigas feiras de Portugal – a Feira de Março. Laboriosos, os Marnotos procedem à limpeza das salinas, isto é, escoam as águas retidas na “Comedoria” e no “Mandamento”, removem as lamas e lodos entretanto depositados e reparam com estes os estragos, provocados pelas estações anteriores, dos “Muros de Defesa” e “Separação”, “Traves”, “Carreiras” e “Carreirinhas”, “Malhadal”, etc. Após esta preparação, procedem à entrada de água pela primeira vez na salina, ou seja, dá-se a “Rega do Mandamento”. Iniciam então a “Cura”, designação para o complexo conjunto de operações necessárias à obtenção do sal e o trabalho da “Feitura”, ou seja, fazer os montes de sal que durante o verão enchem de beleza as salinas ao redor de Aveiro. Findo o verão cobrem-se os montes com palha e redes para proteger o sal da chuva e do vento e alaga-se a salina, submergindo-a inteiramente. Ficando a mesma pronta para novo aluvião.

Toda esta atividade contagia e agita a Academia que acorda e recupera das tormentas e mazelas do final do primeiro semestre. Opera-se um verdadeiro milagre e dá-se uma explosão de vida... noturna. Tal como no Salgado de Aveiro, intensifica-se o tratamento aos Lodos e Lamas, pois muita desta matéria encontra-se em estado de putrefação, provocada pelas descargas ilegais de algumas pautas poluidoras. Do Mestre do Salgado até ao mais Moço(a), entre os Juncos e Caniças estáticos e observadores, todos aplicam o saber em tertúlias e fainas das mais intensas enquanto houver luz natural, desaguando num ambiente de boémia. Isto para salvar e colher o que há de melhor dos Lodos e Lamas.

Agradecidos, estes materiais orgânicos metamorfoseiam-se em Moliço. O Moliço Académico é o estágio embrionário dos novos membros desta Academia. As sucessivas manifestações de alegria e gratidão por tal dádiva culminam na maior celebração desta Academia, o Enterro do Ano, uma semana de festa académica rija e pura na cidade de Aveiro, que mobiliza e sacode os estudantes e os amantes da farra num frenesim alucinante, entre atividades culturais, desportivas e muuuuuuito recreativas... Em pequenos grupos ou através dos magníficos núcleos da Associação Académica da Universidade de Aveiro (em tempos com a coordenação da Comissão Organizadora da Semana do Enterro, C.O.S.E.), todos membros desta salutar boémia, têm o sagrado dever de colaborar e participar, pois esta é uma das semanas académicas que incorpora grande percentagem de matéria-prima e de mão de obra local, nacional e mesmo internacional.

De faina em tertúlia, de espetáculo em exposição, de baile em prova desportiva, de bebedeira em direta, de noite não dormida e dia em ressaca, os membros desta Academia & farristas associados, cumprem religiosamente o destino de todo o boémio. O Enterro do Ano é a referência máxima dos calendários da Safra anual e da Faina Académica e, por isso, é marcado por rituais e acontecimentos de elevado significado, são eles:

O Sarau Académico
Roncada do Enterro
Velório
Jantar de curso, Cortejo e Baile do Enterro
Baile de Gala
A Serenata à Ria

Passada que está a Semana do Enterro e até finais de setembro, tal como nas marinhas do Salgado de Aveiro, inicia-se a “Cura”. A Cura Académica é o nome dado a um conjunto de operações que visam o almejado Sal Académico. Este composto é constituído por porções de conhecimentos e saberes condensados em cristais que, quando analisados a microscópio, apresentam a estranha forma de cadeiras e cadeirões. A primeira operação da Cura Académica é a “Recupera”. Recupera-se das bebedeiras e ressacas, recuperam-se das feridas aqueles(as) que levaram com os pés e recuperam-se as contas bancárias - inocentes vítimas sacrificadas nas cerimónias e rituais do Enterro. É do cuidado e empenho dedicados a esta operação que depende o sucesso da Safra do ano.

Segue-se a “Marra”, quando o estudante introduz desesperadamente nos seus neurónios, em lentas e demoradas cabeçadas às sebtas e calhamaços, as matérias e conhecimentos necessários à obtenção das pequenas quantidades de Sal Académico, na forma de unidades de crédito. Este Sal forma-se pelo processo de transpiração do estudante. Assim como nas salinas, o mau tempo inesperado estraga a colheita sendo necessário proceder a vários trabalhos para evitar mais perdas na Safra.

No Salgado Académico, para contrariar os maus humores do clima docente, o estudante por vezes tem de recorrer à “Direta”, para não ser vítima de perdas irreparáveis. Através desta operação tenta fazer em duas ou três noites o que deveria ter feito durante 300 dias. Durante a direta não se dorme, come-se mal e os mais aplicados tornam-se invisíveis.

Terminada a “Cura Académica”, o resultado desta árdua labuta encontra-se espalhado, na forma de pequenos montes ou “notas”, por diversas pautas do Salgado Académico de Aveiro. Inicia-se então o trabalho de “Feitura”. Este serviço consiste em reunir num único monte, grande e puro, ou outros mais pequenos, o resultado da Safra anual. São as diversas Safras anuais que compõem a grande Faina Académica e são necessárias algumas para se conseguir o canudo. Infelizmente, nem sempre tudo corre bem e nas últimas Safras um conhecido fenómeno vem crescendo desmesuradamente. Como todos sabem, por vezes, julga-se ir buscar um bom monte de Sal Académico e no lugar deste encontramos um monte de chumbo. Durante muitos anos atribuiu-se isso às brincadeiras de quem se divertia às custas do estudante, deixando-o penar sob o sol intenso, carregando aquilo que este julgava ser Sal Académico.

Os trabalhos da “Cura” e da “Feitura” no Salgado Académico de Aveiro repetem-se jorna a jorna. Parte do tempo livre do Marnoto é gasto a tratar da embarcação que lhe serve de transporte entre a salina e a sua casa, aparelha-a, esco-a, baldeia-a e se há infiltrações põe-na a seco e calafeta-a.

O aluno desta Academia também gasta muito do seu pouco tempo livre a “Calafetar”, nome dado à operação que é feita quando em algumas cadeiras este meteu água. O estudante tenta tapar as fendas, as faltas dadas e as falhas, enchendo-as com maços de folhas A4 freneticamente manuscritas ou marteladas num computador, misturadas com uma pasta húmida, peganhenta e viscosa, similar ao “Breu”, chamada choradinho ou coró.

QUADRO RESUMO:

						Cura				Cobre-se o sal			
Procedem-se as primeiras chuvas		A salina repousa sobre um manto de água para melhor resistir às intempéries.				Limpeza		Conjunto de operações para obter o sal, "escoar encadas", "bulir", "envieirar" e "rêr", após as quais se procede à "Feitura", i.é., quando se contêm os montes do sal nas eiras.				Volta-se a encher a salina de água para esta passar o inverno.	
set.	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jul.	ago.		
Invasão de lodos e lamas vindos de afluentes secundários (entopem tudo). Serenata à Santa Joana (Imposição de Insignias) Semana de Recepção ao Aluvião Grande Aluvião Aquisição de Propriedades			O Salgado Académico está paralisado sobre um manto de exames (resistir à intempérie é difícil).		Inicia-se a "Limpeza" dos Lodos e Lamas para obtermos Molipos (nutrientes do Salgado Académico). Esta atividade é celebrada com alguns eventos: Roncada Grande Caldeirada de Eleição (Eleição dos Orgãos Máximos da Faina) Semana do Enterro do Ano Serenata à Ria				Procede-se à Cura Académica ou seja, uma série de trabalhos forçados para obter o Sal Académico . "recupera" - recupera-se das ressacas "marra" - cabeçadas nas sebetas "direta" - tomam-se invisíveis "calafetar" - tapar os buracos com... A "Cura Académica" é afetada pelas descargas de pautas poluidoras.			Nesta altura, o estudante fica a saber se passou de ano ou meteu água.	

Figura 11 - Quadro Resumo da Safra Académica Anual

Fica assim concluída a descrição do calendário de uma Safra Académica anual, onde se teve o cuidado de enumerar e definir os factos e gravatas marcantes da vida dos membros deste Salgado Académico de Aveiro, durante o período (não, não é esse...) de um ano.

CALDEIROS

Fainas e tertúlias marcantes da recepção.

SOBRE CABECEIRAS

Cerimónia de imposição de insígnias - Serenata à Santa Joana Princesa

Nas primeiras chuvas de setembro, ainda com as comportas entupidas de lamaçais e numa promessa de tantos trabalhos a fazer, é sempre bom relembrar - ou, para os mais distraídos, chamar à atenção - quem devem ser as referências para tais labores. Reverenciamos, por isso, aquela que é a padroeira da nossa cidade, Santa Joana Princesa: pelo que fez, pelo que abdicou para o fazer e por saber o que queria. Como nem a Faina Académica nem o estudante podem ser indissociados da cidade que integram, cabe-lhes o louvor, em jeito de serenata, e inspiração pelos seus feitos e valores.

Nesta serenata, celebra-se a comunhão entre a cidade e os estudantes. Chega a hora da imposição de insígnias. Esta é deveras importante para todo o ciclo em que este Salgado Académico de Aveiro se enquadra.

No que às matrículas diz respeito, devem ser chamados representantes de cada ano para receber as respetivas insígnias. Com este espírito, será também entregue, a pelo menos um elemento de uma Comissões de Faina, o anzol que simbolicamente lhes dá posse e os representa. A imposição das insígnias aos restantes trajados deve ocorrer a partir do instante em que a Salgadíssima Trindade autorize.

Para esta cerimónia, são convidadas as NOSSAS ilustres Tunas para cantar e recitar as mais belas melodias académicas Aveirenses. Cabe a todo o Salgado Académico o devido respeito e silêncio neste momento solene.

No que diz respeito aos Coxins Redondos e nó de Azelha, estes devem ser falcassados e unidos com linha da cor do nó, o que impede também o seu desfiamento. Esta tarefa só pode ser realizada quando o ano a que diz respeito o nó esteja finalizado. Condutas que visem o desrespeito pelas mesmas, isto é, quando o número de chicotes unidos não coincidirem com o número de anos finalizados, haverá punição em CALDEIRADA DE MESTRES.

SOBRE CABECEIRAS

Baile do Aluvião

É um lamaçal que faz bem à pele.

SOBRE CABECEIRAS

Dragagem do Salgado Académico

Nome dado aos trabalhos efetuados por todos os membros mais velhos que Moços(as) que desejem ser Patrões ou Patroas, isto é, retirar Lodos ou Lamas dos canais, esteiros, B.A., etc., e tornarem-se responsáveis por estes. A “Dragagem” só é iniciada após abertura formalizada pelo Mestre do Salgado. Esta abertura efetua-se quando, simbolicamente Este toma um Lodo ou uma Lama sob sua proteção direta, impondo-lhes uma atadura (nó de Azelha), da cor do respetivo curso que ostentará após adquirir o direito a trajar.

SOBRE CABECEIRAS

Grande Aluvião

Após a invasão de Lodos e Lamas vindos de afluentes secundários e das chuvas torrenciais de setembro, cabe ao Conselho do Salgado organizar o Grande Aluvião. Evento de magnitude impressionante, com forte impacto ambiental e académico que pode devastar grandes áreas (científicas, humanísticas, artísticas, e outras acabadas em ísticas como económicas).

Data de grande festa, onde se reúne (muito... MUITO lentamente) a Academia Aveirense para apresentar à cidade de Aveiro todos os recém-chegados.

☉ CALDEIROS

Loucuras de um Enterro

☉ SOBRE CABECEIRAS

Roncadas

Esta é uma das propostas desta Faina Académica. Quando os pescadores eram surpreendidos por nevoeiros em plena faina piscatória, a única esperança destes, de regressar em segurança a terra, era ouvirem a ronca da Barra, os búzios de quem ficou em terra, ou ainda os sinos das igrejas. Atendendo a que os Lodos e as Lamas são materiais perdidos e confundidos no Salgado Académico propõe-se este jogo/festa/homenagem aos homens do mar. Cada curso ensina os seus Aluviões a reconhecer a roncada de chamada desse curso. A roncada é composta por toques de búzios, chifres, trompas, etc., todas preparadas para produzir ruídos sem recorrer a palhetas. Podem ainda utilizar sinos ou sinetas. Depois, em dia ou noite pré-estipulada haverá um confronto intercursos de todos os estabelecimentos, onde se premiará a roncada com os Lodos e as Lamas mais rápidos a encontrá-la. Note-se que todos os cursos roncam ao mesmo tempo e que cada roncada será colocada em local sorteado momentos antes do início do jogo. Todos os Lodos e Lamas participantes serão mantidos em local isolado e em absoluto estado natural, isto é, na ignorância. Poderão ser atribuídos prémios às roncadas mais originais, cursos com Lodos e as Lamas mais bem decorados, etc.

☉ SOBRE CABECEIRAS

A Grande Caldeirada de Mestres

“Entre os Mestres serão eleitos anualmente três, para assegurarem a organização das Grandes Caldeiradas ordinárias ou extraordinárias de Mestres. Compete a estes aplicar a Justiça Suprema Académica, presidir a cerimónias, rituais, bebensais, comensais e outros “ais” académicos e da Faina. A eleição destes é realizada na Grande Caldeirada de Mestres antes da Semana do Enterro do Ano, sendo a tomada de posse na Serenata à Ria.”

☉ TALHOS

Da candidatura aos cargos da Faina na Grande Caldeirada de Mestres

CARGOS DA FAINA:

Salgadíssima Trindade

Mestre do Salgado

Mestre Pescador

Mestre Escrivão

Conselho do Salgado

A apresentação da candidatura aos cargos da Faina deverá ser feita por escrito e entregue à mesa, sendo o grau hierárquico atual o considerado.

Podem candidatar-se aos cargos da SALGADÍSSIMA TRINDADE todos os Mestres. Cada Mestre poderá candidatar-se a um máximo de dois destes cargos, e caso seja eleito para ambos ficará obrigado a aceitar o de hierarquia superior.

Para o CONSELHO DO SALGADO, podem candidatar-se todos os Mestres, podendo ainda ser eleitos “não Mestres” que devem ter hierarquia igual ou superior a moço, desde que propostos por um Mestre (este último poderá apenas propor um “não Mestre”).

A eleição dos CONSELHEIROS DO SALGADO deverá ser efetuada a seguir à da SALGADÍSSIMA TRINDADE e cada Mestre terá direito a sufragar três nomes. Os treze elementos mais votados constituirão o CONSELHO DO SALGADO. Em caso de empate em qualquer das votações haverá nova votação com os nomes em questão.

QUEM NUNCA PODERÁ CANDIDATAR-SE A CARGOS DA FAINA:

Quem tenha sido sujeito a Caldeirada de Justiça Suprema e dela não tenha saído ilibado.

SOBRE CABECEIRAS

Sarau Académico

Palavras para quê?

SOBRE CABECEIRAS

Desfile do Enterro

Tudo começa nos Jantares de Curso. O convívio e a boa disposição aliam-se para uma das noites mais agitadas da Semana do Enterro. A seguir, um único destino - O Cortejo do Enterro - em que os estudantes desfilam pela cidade, sua hospedeira. O cortejo serpenteia na urbe deixando um rasto misto de alegria e resplendor que culmina no famoso Baile do Enterro.

TALHOS

Historial do Desfile do Enterro

Faz parte da nossa História! Se existe Semana do Enterro é porque antes surgiu o desfile. Como já foi dito “foi ele que levou os estudantes desta Universidade a realizarem uma semana em que se fazia algo de diferente”. E isso faz com que sejamos diferentes, não copiámos nada de ninguém, aquilo que temos faz parte de nós, faz parte da nossa História, é a nossa História.

Tudo começou quando no ano de 78 os rapazes da residência n.º1, situada na rua Mário Sacramento, resolveram tirar os lençóis da cama e sair para a rua à noite mascarados de fantasmas para fazer uma serenata às “donzelas” da residência feminina situada na mesma rua. A brincadeira durou até altas horas da madrugada, daí surgiu a ideia de alargar o desfile a outras zonas da cidade. No dia seguinte, para mais uma noite de brincadeira, voltaram a descer à cidade envoltos nos lençóis; mas desta vez a brincadeira acabou mal e o desfile terminou na esquadra da P.S.P. Foi no ano seguinte que a brincadeira se repetiu, mas desta vez com um morto, um caloiro franzino e bem “regado” que depois de colocado dentro de um caixão desfilou pelas ruas da cidade enquanto as carpideiras choravam e todos empunhavam velas. Surgindo deste modo o Enterro do Ano.

Decorria o ano de 1997, quando a C.O.S.E. decidiu ressuscitar o G.O.D. (Gabinete Organizador do Desfile), atual C.D. (Comissão do Desfile). Da recolha de algumas tradições, por parte do G.O.D., surgiram as próximas linhas. Respeitando estas palavras, e as origens do nosso desfile, ele realizar-se-á sempre na quinta-feira da Semana Académica, à noite e a seguir aos Jantares de Curso.

Abrirá o desfile um grupo de alunos da nossa Academia, que habitem na residência universitária n.º1, ou que por lá tenham passado. Estes elementos devem ir envoltos em mantas que antes cobriam as camas da dita residência. Segue este grupo um caixão “recheado” por um Lodo originário da n.º 1, eleito pelos elementos da mesma residência, pelas suas capacidades invulgares; sabe-se lá quais... Atrás do caixão vai quem sempre o segue, só que neste caso em número maior, leia-se as Viúvas - meninas moças donzelas da residência feminina, que vestem de preto, empunham uma vela e choram, choram, choram... Seguem de perto todos os cursos da U.A. dispostos, respeitando tudo o que já foi dito e mais ainda o que se segue.

TALHOS

Regras do Desfile do Enterro

TRAÇADO DO DESFILE:

O desfile terá o seu início às 22:00h (GMT±alguns) junto à residência n.º 1, respeitando assim a tradição existente.

O percurso será:

Rua Mário Sacramento
Rua S. Sebastião
Rua Eça de Queirós
Rua Combatentes da Grande Guerra
Praça Humberto Delgado (Pontes)
Avenida Lourenço Peixinho

DISCURSO:

Recuperando uma tradição quase perdida cada curso no final do seu desfile fará um discurso de cariz crítico e onde apresentará o seu tema.

Cada curso tem obrigação de até ao dia primeiro da Semana do Enterro entregar à C.D. uma cópia do referido discurso, bem como o nome do orador.

ORDENAÇÃO:

A ordem do desfile será de acordo com a classificação do ano anterior, à exceção do quarto lugar, que será ocupado pelo curso classificado no ano anterior como o curso mais académico.

Em caso de igualdade de pontos na classificação, será utilizado como critério de desempate a ordem de antiguidade do curso na Universidade de Aveiro e, em último recurso, a ordem alfabética.

TEMA:

Todos os cursos escolherão um tema que inspirará o seu carro e os seus “trajes”. Esse tema deve ser comunicado à C.D. em data estabelecida para o mesmo.

ORGANIZAÇÃO DO CURSO:

Abrirá o desfile de cada curso o respetivo carro, caso exista. Deve haver uma identificação clara do curso.

Seguir-se-ão os Aluviões que se farão acompanhar, obrigatoriamente, de uma vela acesa. Vela essa que simboliza o Enterro do Ano, que para eles significa a ascensão na vida académica perante a Faina.

Seguem-se os Juncos e as Caniças, Moços e Moças, os Marnotos e as Salineiras e, por fim, os Mestres. Os alunos em fim de curso desfilarão envoltos em lençóis brancos, simbolizando por um lado o culminar dos conhecimentos adquiridos, por outro a saudade e a despedida da Academia, com a convicção que nunca esquecerão aquilo que um dia já cantaram: “Aveiro é nosso, Aveiro é nosso e há-de ser, Aveiro é nosso e vai vencer”. Seguindo esta filosofia de pensamento, recomendam-se os cursos a convidar os seus antigos alunos para que façam parte integrante do desfile, no entanto, para isso deverão ter vestido o gabão do Tertúlio. Aos antigos alunos é permitida a livre circulação dentro do desfile do seu curso.

AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO:

A classificação no desfile do Enterro do Ano é atribuída por um júri soberano, júri esse que é formado por ilustres da Academia e da cidade Aveirense a convite da C.D.

Os parâmetros de avaliação a tomar em consideração pelo júri serão estabelecidos pela C.D. e encontram-se referidos em canal anexo contendo também as alterações que possam ser feitas a estas regras desde que aprovadas pela Salgadíssima Trindade.

PRÉMIOS

A C.D. atribuirá um prémio ao curso mais académico; tendo para isso presente o contacto que manteve com todos os cursos, quer durante a construção dos carros, quer durante o desfile.

Haverá uma réplica maior que estará em exposição na Academia, onde será gravado o curso vencedor de cada ano.

Será atribuído um prémio para o melhor discurso.

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

O lençol deve ser usado por todos os alunos que tenham finalizado com sucesso o seu percurso na Academia e decidam abandoná-la. Dentro deste espírito, obrigam-se aquando voltarem a envergar o Tertúlio, usem pelo menos durante um ano curricular a rede branca por cima das insígnias, ficando durante esse tempo limitados a apenas observar os atos de Faina. A rede branca será imposta na Serenata à Ria, após o término da Semana de Enterro.

Se no tempo de interregno for da sua máxima vontade voltar a usar de plenos direitos e deveres de praxe, poderá, depois de pedido formal feito à Salgadíssima Trindade e aprovado pela mesma, usufruir novamente destes.

 SOBRE CABECEIRAS***Baile de gala***

Quando já se é crescido e o Tertúlio não tão largo, “finaliza-se” a Faina Académica neste Baile, as recordações continuam...

 SOBRE CABECEIRAS***Serenata à Ria***

Após a conclusão da Safra à qual todo o Salgado Académico se dedicou arduamente para a feitura do sal, chega a hora do “recolher”. É nesta cerimónia que comemoramos orgulhosamente a tomada de posse da Salgadíssima Trindade e do Conselho do Salgado, que irão manobrar o Salgado Académico nos árduos trabalhos da próxima Safra.

Neste ciclo de renovação repleto de saudade, dizemos adeus àqueles que ajudaram a traçar o nosso percurso nestas salinas e acolhemos os mais recentes Moliços, após esta semana longa e rija (mais para uns que para outros...).

Os que terminam o seu bonito percurso, colocam em tom de despedida a rede branca na sua lapela assinalando o fim.

Espetáculo noturno único, com um palco “deslumbrante” em frente ao Canal Central, no coração da cidade de Aveiro. Momento solene de escutar e sentir as mais belas melodias académicas (e por vezes boémias) Aveirenses cantadas/recitadas pelas NOSSAS ilustres Tunas. Cabe a todos do Salgado Académico o devido respeito e silêncio neste momento de saudade e despedida.



SALINA VII



VIVEIRO

Exceções e penalizações que fazem as regras

Hoje a sociedade vive e cultiva a opção individual. Opções que sendo positivas ou negativas condicionam e orientam cada um neste seu navegar. É, pois, importante que seja dado o espaço devido a quem, por qualquer razão, não concordar ou não quiser aderir ou sujeitar-se em parte, ou por todo, a esta forma de estar e de viver a Academia. Por outro lado, é indispensável que todos os que aceitem as regras que os defendem ou os privilegiam no Salgado Académico, as respeitem e as cumpram, para que todos gozem desses benefícios. Assim como há espaço para Praxar, para o porco, enguias e vinho, é vital que todos as respeitem, as cumpram e as façam cumprir, assim como que, os que desrespeitem, perversam ou faltem gravemente às normas orientadoras da Faina Académica sejam punidos, pois ofendem o espírito académico. Por exemplo, ser Lodo ou Lama é uma grave muito falta!



ALGIBÉS

Para quem não quer... Há muito!

Todos os que, por opção individual, não quiserem respeitar os preceitos e aderir à Faina Académica fazem-no em seu pleno direito, devidamente reconhecido por este guia e todos os membros desta Academia. Contudo, por coerência com a sua decisão, ficam impedidos de usar qualquer símbolo da Faina e ainda de “Praxar” Lodos e Lamas, ou participar em qualquer outra atividade organizada pela Faina durante a sua carreira e estadia no Salgado Académico de Aveiro. Ficam, no entanto, salvaguardados todos os restantes direitos, enquanto ilustre estudante da Academia, entre eles, o da livre circulação entre os Estados Membros.

Lembramos que, envergar o Tertúlio e as insígnias implica aceitar, respeitar e fazer respeitar integralmente e no melhor sentido as normas da Faina Académica. Todos os que recusarem a Faina Académica, moralmente, não são dignos de “Praxar”. Sempre que algum(a) destes o fizer, incorre em grave falta e ofensa à Academia (Ver Sobre Cabeceiras nesta Salina).

◉ ALGIBÉS

Exceções para evitar tentações...

Esta norma orientadora tem por objetivo diminuir, ou quiçá, extinguir, os abusos de Faina nos Lodos e Lamas, praga infestante e tão prejudicial à manutenção do bom ambiente académico. Todos sabemos que estes poluídos e maltratados são o habitat ideal para a reprodução “descontrolada” de insetos, bocas, rancores, etc... que infestarão o Salgado Académico incomodando e lesando todos. Pretende, também, acabar com os exibicionismos dos mais velhos, mas menos maduros, e criar, em todos, o sentido de responsabilidade indispensável para o correto tratamento, depuração, análise, “control”, transporte e armazenamento dos Lodos e Lamas. Por vezes, é difícil conter a excitação de contactar e descobrir novos Aluviões ou de resistir aos incitamentos de quem assiste à Faina, sendo alguns limites ultrapassados. Para que esses limites não sejam levemente transpostos, determina-se que:

É condicionada a Faina de Lodos e Lamas na Reitoria (passeios e jardim adjacentes incluídos), Caraibas, dentro de canais ou esteiros, Pólo Norte, junto a monumentos, adegas e caves de vinho da Bairrada e outras de qualidade indubitável, dado que estes locais, entre outras razões, são objeto de convívio ou veneração académica. As cantinas não o são!... são de convívio forçado, e tendo para evitar que a tortura seja ainda maior (às vezes, porque o pasto muitas vezes é bom, ou melhor que em outras cantinas no resto do país) a praxe é condicionada, ou seja, não há. Nestes locais, aquando envergado, o Tertúlio da Universidade de Aveiro deve-se encontrar impecavelmente vestido.

É expressamente proibido a praxe noturna nesta Academia, salvo a autorização prévia e formal do CONSELHO DO SALGADO ou SALGADÍSSIMA TRINDADE.

Todo o membro da Academia, detetado por membros mais velhos que ele, em pleno ato de “Praxar” Lodos e Lamas nos locais citados ou em transgressão das condições referidas, fica sujeito de imediato à Justiça Sumária Académica. Será aplicado, no faltoso, o mesmo tratamento que este dedicava ao(s) Lodo(s) e Lama(s) sobre solo sagrado. A recusa deste, em acatar a JUSTIÇA SUMÁRIA ACADÉMICA, será interpretada como falta ou ofensa grave à Academia, ficando sujeito ao veredito em CALDEIRADA DE MESTRES.

Se o membro mais velho, referido no parágrafo anterior, não estiver trajado, tem o direito e dever de parar a praxe faltosa, não podendo, no entanto, aplicar a sanção devida ao faltoso.

◉ ALGIBÉS

Punições para quem caiu em tentações!

Sendo um mal necessário, as punições, penalizações, coimas ou Indemnizações Académicas visam sobretudo corrigir e minimizar as consequências nefastas das injustiças, excessos, imprevidências ou negligências perpetradas pelos membros desta Academia. Têm, também, uma função pedagógica nas relações (não! não são dessas...) entre todos, neste SALGADO ACADÉMICO. Serão aplicadas sempre que se verifiquem situações de abusos na Faina de Lodos e Lamas, Juncos e Caniças apanhados em flagrante Faina (uma vez que não o podem fazer) e estudantes, membros da Faina (Mestres incluídos), mal ou não trajados (que vergonha!)... ou qualquer outra ofensa à Faina Académica. As punições, indemnizações ou coimas serão aplicadas após a Justiça Académica se ter manifestado nas formas abaixo descritas.

◉ CALDEIROS

Justiça Sumária Académica

É o instrumento base de fazer e aplicar a Justiça Académica sempre que algum membro desta Academia incorre em falta menor ou ofensa aos órgãos da Academia, da Cidade, do Distrito, do País e do resto do mundo em geral, devidamente detetada por membros mais velhos da Faina Académica.

Estas faltas são suscetíveis de acontecer quando:

Alguém “Praxar” Lodos e Lamas sozinho, mal-acompanhado (leia-se menos de 5 membros ou ainda na companhia de Juncos e Caniças), mal ou não trajado e ainda nos locais indicados nos Caldeiros desta Salina.

Se tem atitudes impróprias em momentos de representação académica.

Se exercer os direitos praxísticos sob influência **visível** de álcool ou qualquer tipo de estupefaciente, bem como o consumo dos mesmos em ato de Faina.

De uma maneira geral, se ofender colegas ou outras pessoas e ainda se o seu comportamento não se encontrar à altura da situação.

A Justiça Sumária Académica será sempre aplicada por qualquer membro desta Academia, a colegas com o mesmo estatuto ou mais novos, respeitando sempre a hierarquia estatutária. Quando a falta for detetada, por um membro hierarquicamente inferior, este deve abordar um colega que tenha maturidade e experiência superior ao faltoso que deverá assumir o encargo de corrigir e aplicar a Faina que julgar adequada.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Indemnizações e coimas académicas

Sempre que na Faina se afete a integridade física de alguém (Lodos e Lamas incluídos) ou se produzam prejuízos materiais, o faltoso terá de indemnizar o(s) lesado(s) no valor do estrago causado. A Indemnização Académica é ainda aplicada a todos os que “Praxarem” Lodos e Lamas, propriedade de algum Patrão ou Patroa, sem a respetiva autorização por parte destes. Neste caso, é indispensável o flagrante, ou a queixa do Lodo ou Lama ser comprovada por duas testemunhas (mais velhos que Junco /Caniça) ou então comprovada por 35.751.269,5 Lodos e/ou Lamas, nem mais nem menos! A indemnização será cobrada pelos Patrões em géneros, leia-se copos, jantares, etc.

As Coimas Académicas só podem ser aplicadas pelos Mestres e estas destinam-se a corrigir faltosos sistemáticos ou cadastrados, abusadores e exibicionistas. As coimas serão cobradas de imediato e em géneros, (o costume... e um bagaço).

No caso dos indevidamente trajados, poderão ainda ser penhorados e posteriormente leiloados quaisquer elementos extra traje (Ver Salina III) ou componentes do Tertúlio que sejam encontrados ao abandono.

☉ CALDEIROS

Caldeirada de Justiça Suprema

Neste caso o(a) faltoso(a) será levado(a) a CALDEIRADA DE MESTRES, onde serão decididas e aplicadas as justiça e punições da Faina decididas ou criadas na Caldeirada.

Serão todos os casos devidamente testemunhados ou comprovados de extremo desrespeito, de infração ou de ofensa de qualquer membro deste Salgado Académico às normas desta FAINA ACADÉMICA, aos Órgãos Máximos da Academia, da cidade ou do distrito ou ainda a colegas no exercício da Faina.

Esta Caldeirada será presidida pelo MESTRE DO SALGADO coadjuvado ou substituído pelo MESTRE PESCADOR e/ou ainda pelo MESTRE ESCRIVÃO. A CALDEIRADA DE JUSTIÇA SUPREMA inclui um corpo de jurados, constituído pelos elementos do CONSELHO DO SALGADO, até ao máximo de 13, a quem compete a decisão sobre a inocência ou culpabilidade do(s) réu(s). No caso do Conselho do Salgado ter um número par de elementos, a Salgadíssima Trindade indicará um Mestre da Assembleia, que terá a honra de se juntar ao Conselho do Salgado nesta árdua tarefa.

A Caldeirada nomeará um Mestre para assumir os trabalhos (ingratos) da defesa do faltoso, que aceitará ou não a proposta (obviamente, este terá de ter sempre um representante que o defenda). Serão ouvidos os testemunhos necessários.

É obrigatório o registo no Rol das Caldeiradas (livro de atas) do desenvolvimento do processo e punições atribuídas. Não há recurso das decisões e punições decididas nestas Caldeiradas. Ao Mestre que presidir, caberá a decisão sobre a pena a aplicar ao(s) culpado(s).



ESTEIRO

Alterações ao Código de Faina

Qualquer proposta de alteração só poderá ser formulada por Moços e Moças ou superiores e terá de ser dirigida ao Conselho do Salgado, que a analisará e submeterá a Caldeirada de Mestres com o devido parecer. As propostas deverão ser fiéis ao espírito que emana do *Faina Académica* ou *Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe*.

Cabe à Salgadíssima Trindade o direito e dever de anexar a este código canais com o objetivo único de regulamentar o funcionamento dos órgãos e das atividades, no respeito da Faina Académica, e na salvaguarda da sua funcionalidade.

Em caso de dúvida ou omissão todas as decisões serão tomadas pelo C.S. e S.T.



BARACHA FINAL

Nem Tudo o que Veio à Rede Foi Praxe

“Faina Académica” ou “Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe” é um manuscrito, neste caso computescrito, que poderá ser revisto quando as situações assim o definirem, ou no caso de certos itens se tornarem obsoletos (o que é difícil...). Neste caso, terão de ser tomadas as medidas legais para o efeito (p. ex. ASPIRINA). Espera-se que este documento prolifere na História e que os descendentes desta Rede também saibam nadar... espera-se ainda que este enriqueça a vida académica, da U.A., a E.S.T.G.A., a E.S.A.N., a E.S.S.U.A., o I.S.C.A.A., o I.S.C.I.A., o I.P.A.M. e a região em geral, e que seja um ponto de encontro e de tertúlia por parte dos estudantes e dos demais convivas.

Com as mais cordiais Saudações Académicas

Os autores do texto original

Carlos Miguel Grangeia
Carlos Manuel Rodrigues
Lina Maria Rodrigues
Luís Gonçalves
Luís Jorge Fardilha



CANAL I (EM ETERNA CONSTRUÇÃO)

Canal regulamentador das cores dos cursos

Para escolher a cor de curso deverá ser marcada uma reunião dos alunos do curso, que deverão optar por uma cor e também indicar uma cor alternativa. Esta decisão deverá ser comunicada por escrito ao Conselho do Salgado, que, respeitando a ordem de chegada das propostas, verificará se a escolha é original. Se tal acontecer, a cor será aprovada e posteriormente apresentada em Caldeirada de Mestres. No caso de a cor pretendida já estiver a ser usada por outro curso, o Conselho do Salgado analisará a cor alternativa. No caso de ambas as escolhas serem recusadas, o curso deverá reunir novamente para escolher uma nova cor. Uma cor só se considera repetida quando dois cursos com a mesma cor principal escolhem a mesma segunda cor. Dois cursos com a cor principal diferente podem escolher uma segunda cor igual.

DEPARTAMENTOS:

AMBIENTE E ORDENAMENTO:

Engenharia do Ambiente (Tijolo + Roxo)

BIOLOGIA:

Biologia (Azul-Claro)

Biologia e Geologia (Preto + Azul-Claro)

CIÊNCIAS MÉDICAS:

Ciências Biomédicas (Azul-Claro + Amarelo)

Medicina (Amarelo)

CIÊNCIAS SOCIAIS, POLÍTICAS E DO TERRITÓRIO:

Administração Pública (Azul Escuro + Amarelo)

COMUNICAÇÃO E ARTE:

Design (Lilás + Vermelho)

Música (Lilás + Azul)

Multimédia e Tecnologias da Comunicação (Lilás + Verde)

ECONOMIA, GESTÃO E ENGENHARIA INDUSTRIAL:

Economia (Vermelho + Branco)

Engenharia e Gestão Industrial (Tijolo + Cinzento-Escuro)

Gestão (Preto + Vermelho)

Gestão e Planeamento em Turismo (Verde + Laranja)

EDUCAÇÃO:

Educação Básica (Rosa)

Psicologia (Preto + Laranja)

ELETRÓNICA, TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA:

Engenharia Aeroespacial (Tijolo + Azul-Universo)
Engenharia de Computadores e Informática (Tijolo + Azul-Escuro)
Engenharia Eletrónica e de Computadores (Tijolo + Azul-Celeste)
Engenharia Informática (Tijolo + Verde)

ENGENHARIA CERÂMICA E DO VIDRO:

Engenharia de Materiais (Tijolo + Vermelho)

ENGENHARIA CIVIL:

Engenharia Civil (Tijolo + Castanho)

ENGENHARIA MECÂNICA:

Engenharia de Automação Industrial (Tijolo + Azul-Turquesa)
Engenharia Mecânica (Tijolo + Cinzento)

FÍSICA:

Ciências do Mar (Azul-Claro)
Engenharia Biomédica (Tijolo + Bordô)
Engenharia Física (Tijolo + Amarelo)
Física (Azul-Claro)
Meteorologia, Oceanografia e Clima (Azul-Claro)

GEOCIÊNCIAS:

Geologia (Azul-Claro)

LÍNGUAS E CULTURAS:

Línguas e Estudos Editoriais (Azul-Escuro + Verde)
Línguas e Relações Empresariais (Azul-Escuro + Vermelho)
Línguas, Literaturas e Culturas (Azul-Escuro + Laranja)
Tradução (Azul-Escuro + Branco)

MATEMÁTICA:

Matemática (Azul-Claro)

QUÍMICA:

Bioquímica (Azul-Claro)
Biotecnologia (Azul-Claro)
Engenharia Química (Tijolo + Branco)
Química (Azul-Claro)

ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN, GESTÃO E TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO AVEIRO NORTE (E.S.A.N.):

Automação e Sistemas de Produção (Verde + Vermelho Grená)
Design de Produto e Tecnologia (Verde + Azul Ciano)
CTEsP (Verde + Verde Lima)

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO (E.S.S.U.A.):

Enfermagem (Branco + Amarelo)
Fisioterapia (Branco + Azul-Escuro)
Imagem Médica e Radioterapia (Branco + Bordô)
Terapia da Fala (Branco + Lilás)
CTEsP (Branco + Verde Lima)

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DE ÁGUEDA (E.S.T.G.A.):

Eletrónica e Mecânica Industrial (Cinzento + Azul-Marinho)
Engenharia Informática Aplicada (Cinzento + Preto)
Gestão Comercial (Cinzento + Amarelo-Torrado)
Gestão da Qualidade (Cinzento + Laranja)
Gestão Pública (Cinzento + Vermelho)
Secretariado e Comunicação Empresarial (Cinzento + Bordô)
CTEsP (Cinzento + Verde Lima)



CANAL II

Canal regulamentador da candidatura e eleição da Comissão de Faina do curso

Artigo 1.º

Especificação

As disposições do presente Regulamento aplicam-se à eleição das Comissões de Faina de curso.

Artigo 2.º

Capacidade Eleitoral

1. Têm capacidade eleitoral ativa todos os elementos pertencentes à Faina Académica vinculados ao curso, desde que tenham atingido o grau hierárquico de Moliço.
2. Ficam expressamente proibidos os votos por qualquer forma de representação.
3. A cada membro da Faina Académica será concedido um voto.

Artigo 3.º

Elegibilidade

1. São elegíveis para as Comissões de Faina todos os elementos que tenham adquirido o grau hierárquico de Junco ou Caniça ou superior.
2. Ficam expressamente proibidas as candidaturas por qualquer forma de representação.

Artigo 4.º

Processo Eleitoral

1. As eleições deverão ser realizadas anualmente após a semana do Enterro do Ano, tendo como prazo limite o fim do segundo semestre (salvo exceções dadas pela Salgadíssima Trindade).
2. As eleições deverão ser realizadas em Reunião de Alunos, convocada e dirigida pela Comissão de Faina cessante.
3. A Reunião de Alunos destinada a tal efeito deverá ser convocada pela Comissão de Faina cessante, pelo menos duas semanas antes da sua realização e comunicada à Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado com data, local e hora.
4. As candidaturas deverão ser entregues à Comissão de Faina cessante até cinco dias úteis antes da Reunião de Eleição.
5. Caberá à Comissão de Faina cessante o dever de submeter ao Conselho do Salgado todas as candidaturas, assim como o método de eleição discutido e escolhido pelos alunos, nas vinte e quatro horas subsequentes, para avaliação das mesmas.
6. Cabe à Comissão de Faina cessante o dever de publicar, imediatamente após a decisão pelo Conselho do Salgado, o nome ou listas de candidatos à Comissão de Faina do curso.
7. Todas as candidaturas devem conter o nome, número mecanográfico e o número de matriculas dos candidatos.
8. Caso não sejam apresentadas candidaturas dentro do prazo estipulado, a eleição decorrerá automaticamente por método de candidatura individual dos membros presentes na Reunião de Eleição, na presença de um elemento do Conselho do Salgado.

Artigo 5.º

Sistema Eleitoral

1. A votação decorrerá em sufrágio direto e secreto.
2. As Comissões de Faina a constituir serão compostas por um mínimo de cinco e um máximo de dez elementos, mais um Mestre de Curso ou Arrais/Varina.
3. A eleição da Comissão de Faina dar-se-á pelo método de listas ou pelo método de candidatura individual.

Artigo 6.º

Eleição por método de listas

1. As listas deverão ser compostas por um mínimo de 6 elementos e um máximo de 11 e entregues de acordo com o estipulado anteriormente. O Mestre de Curso ou Arrais/Varina (caso não exista na lista ninguém de grau hierárquico igual a Mestre) deverá estar bem identificado e destacado da restante Comissão de Faina.
2. Cada votante apenas poderá votar numa lista.
3. Em caso de empate dever-se-á recorrer a uma segunda volta apenas com as listas empatadas.

Artigo 7.º

Eleição por método individual

1. Existirão três eleições distintas, que ocorrerão pela seguinte ordem:
 - i. A eleição do Mestre de Curso;
 - ii. A eleição dos elementos da Comissão de Faina;
 - iii. A eleição do Arrais/Varina (**apenas** na ausência de Mestres na Comissão de Faina).
2. Todas as candidaturas serão feitas de forma individual pelos candidatos, de acordo com o estipulado anteriormente e com a declaração de intenção do cargo a ocupar.
3. As votações serão feitas através de voto secreto em boletins individuais para cada eleição.
4. Para a eleição do Mestre de Curso, em cada boletim apenas poderá ser escrito o nome de um dos candidatos.
5. Para a eleição da restante Comissão de Faina, em cada boletim poderão ser escritos o nome de três dos candidatos inscritos.
6. Ganharão os elementos que obtiverem mais votos. Em caso de empate dever-se-á recorrer a uma segunda volta unicamente com os candidatos empatados, na qual em cada boletim poderão ser escritos tantos nomes quanto o número de vagas disponíveis.
7. Para a eleição do Arrais/Varina, em cada boletim apenas poderá ser escrito o nome de um dos elementos da Comissão de Faina eleita. No caso de serem eleitos para a Comissão de Faina membros com o grau hierárquico de Marnoto ou Salineira, estes serão os únicos membros elegíveis para Arrais/Varina. Na ausência de Marnotos ou Salineiras na Comissão de Faina eleita, todos os seus membros irão a votação.
8. Na eventualidade de permanecerem vagas para a Comissão de Faina após as votações anteriores, irá proceder-se à eleição dos membros que irão adquirir o grau de Junco ou Caniça no ano seguinte, onde em cada boletim poderá ser colocado entre 1 e 3 nomes, dependendo do número de lugares vagos.
9. Salvaguarda-se sempre que 2/3 da Comissão eleita tenha grau hierárquico igual ou superior a Moço ou Moça no ano letivo correspondente ao mandato.

Artigo 8.º

Impugnação e Homologação

1. Cabe à Comissão de Faina cessante a responsabilidade de entregar ao Conselho do Salgado a ata da Reunião de Eleição da nova Comissão de Faina.
2. A Salgadíssima Trindade apreciará e decidirá sobre a Impugnação ou Homologação do ato eleitoral da Comissão de Faina de Curso.
3. A nova Comissão de Faina e o novo Mestre de Curso ou Arrais/Varina entram em funções após aprovação da ata da Reunião de Eleição por parte da Salgadíssima Trindade.
4. No caso da não aprovação da ata, repetir-se-á todo o processo eleitoral, cuja data de início será definida pelo Conselho do Salgado após reunião com a Comissão de Faina cessante.

Artigo 9.º

Tomada de Posse

As Comissões de Faina eleitas tomarão posse na cerimónia de Imposição de Insígnias – Serenata a Santa Joana Princesa.

Artigo 10.º

Casos Omissos

Em caso de dúvidas ou irregularidades, estas deverão ser levadas à consideração do Conselho do Salgado e da Salgadíssima Trindade para sua resolução.



CANAL III

Canal Regulamentador do GOD

“Decorria o ano de 1997, quando a COSE (Comissão Organizadora da Semana do Enterro), decidiu ressuscitar o GOD (Gabinete Organizador do Desfile)”

(Este Canal será apresentado às Comissões de Faina, anualmente, após a aprovação pelo Conselho do Salgado do documento proposto pelo G.O.D.)



Canal da Carta de Princípios do Conselho Nacional de Praxe e Tradições Académicas

Conselho Nacional de Tradições Académicas
Carta de Princípios

Nota Introdutória:

A Carta de Princípios do Conselho Nacional de Tradições Académicas foi aprovada e assinada em Évora, a trinta de outubro de dois mil e dez, após o encerramento do IX Encontro Nacional de Praxe e Tradições Académicas realizado na Universidade de Évora, colmatando a necessidade de criar uma plataforma de entendimento que reunisse os pontos comuns à praxe de todas as Academias envolvidas e desenvolvesse assim estratégias para uma representação válida da praxe nacional no século XXI, tendo sido ratificada no Porto.

O Conselho Nacional de Tradições Académicas nasce da aproximação de várias Academias, para que sejam esclarecidas e defendidas as tradições académicas nacionais de uma forma consensual e representativa. São as Academias fundadoras: o Conselho de Notáveis da Universidade de Évora, o Magnum Consillium Veteranorum da Academia do Porto, o Conselho do Salgado da Universidade de Aveiro, o Cabido de Cardeais da Universidade do Minho, o Fórum Veteranum da Universidade da Beira Interior, o Conselho de Veteranos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Ordem Dom Diniz de Leiria e o Magnum Concilium Veteranorum - Conselho de Veteranos da Universidade de Coimbra, que, após diversos congressos e encontros nacionais em que se debateram as tradições académicas nacionais, chegaram ao seguinte consenso, redigido pela Academia Aveirense:

Nós, as Academias declaramos:

- Preservar a praxe e tradições académicas nacionais;
- Promover uma praxe adaptada aos que nela vivem e crescem;
- Executar uma praxe justa, idónea e equitativa, sem discriminar género, credo ou etnia;
- Reiterar a nossa inabalável fé em todos os princípios descritos na Declaração Universal dos Direitos do Homem, assim como na igualdade dos direitos entre géneros, na Constituição da República Portuguesa e nos princípios de liberdade nela contidos.

Para que tal aconteça:

- Respeitaremos a identidade das tradições académicas, intrínseca a cada Academia no panorama nacional;
- Uniremos os nossos esforços para que a praxe e tradições académicas prevaleçam, nunca definham ou se extingam;

Após ponderarem sobre este documento, as Academias, por intermédio dos seus representantes máximos, com poderes para o ato e empossados pelos regulamentos e códigos próprios a cada Academia, adotaram a presente declaração, por ser idónea e verídica, estabelecendo deste modo a organização que será conhecida pelo nome de Conselho Nacional de Tradições Académicas.



Canal regulamentador do Grito Académico Aveirense

Entoados pelos canais da Ria, no seu imenso esplendor, deverá ser sempre invocado com o máximo orgulho e fervor, pela nossa Academia, pela nossa Cidade!

Aveiro é Nosso

Aveiro é Nosso

Aveiro é Nosso, e Há-de Ser

Aveiro é Nosso e Há-de Ser

Aveiro é Nosso Até Morrer...



GLOSSÁRIO

Portão ou Bomba – Canal de entrada de água para a salina (Viveiro)

Algibés – Reservatório de forma retangular separados do Viveiro por um dique chamado “Trave do Viveiro”

Aluvião – Materiais de origem detrítica que se depositam nas margens de qualquer canal fluvial.

Aparelhar - Conjunto de operações que visa preparar as redes ou artes de pesca antes de lançar as redes.

Arrais – Mestre ou patrão de embarcação.

Arte Xávega – É um tipo de pesca de arrasto só que, com a diferença que o barco sai de terra deixando já uma corda que está sempre ligada a este dando a volta a mais de 500 metros de distância da costa este deixa a rede que depois é arrastada até à praia puxada por bois que auxiliados por tratores, trazem o peixe que pelo caminho encontra.

Barracha – Traves de separação entre os Caldeiros, Sobre cabeceiras, Talhos e Cabeceiras.

Bebensal -

Boémia – Classe de jovens literatos, artistas, etc., que vivem despreocupadamente dia a dia, trabalhando pouco e divertindo-se;

Bombinha – Canais de comunicação entre os Caldeiros, Sobre cabeceiras, Talhos e Cabeceiras

Caldeirada – Guisado de peixe à moda dos pescadores;

Caldeiros – Sucessão de pequenos depósitos entre os “Algibés” e os “Sobre-Cabeceiras”.

Caloiro(a) – Estudante novato; aquele que é noviço em qualquer coisa; indivíduo acanhado, lorpa.

Cambeias – Brechas causadas por tempestades nas salinas.

Caníça – O mesmo que Junco (género feminino), mas com linhas mais atraentes.

Cantina – Restaurante de instituições de grande porte, para os funcionários e/ou alunos

Capelo – Camada de lama que remata em toda a extensão da salina.

Carreira (inha) – Valas que continuam as carreiras grandes, ao longo da marinha nova, e que sustentam a marinha velha; constroem-se, geralmente, de seis em seis meios, delimitando, assim, os talhões.

Comedoria – Ordem onde se efetua o armazenamento de água da salina, composta pelo viveiro e os aligibés.

Comensal -

Cura – Ação de curar (Endurecer a praia dos cristalizadores, alternando a exposição dos fundos em seco, à ação do sol, durante quatro a oito dias, com a tomada de água nova que se deixa morrer ou se arreja, ou, ainda, se ugalha).

Dragagem – Ato ou efeito de tirar a areia ou o lodo do fundo dos rios ou dos portos.

Eira – Zona do malhadal onde o sal é acumulado em montes; em princípio, as eiras devem ser duas para cada quinhão.

Esteiro – Canal da Ria que não permite a navegação na maré baixa.

Etc. – Abrev. da loc. lat. et caetera, o resto, as outras coisas.

Faina – Esta palavra tem origem no Latim *facienda*, coisas que devem ser feitas.

Fogueteiro – Encarregado dos fogos de artifício que animavam as festas e as danças.

Insígnias – É um sinal distintivo de dignidade de função (um emblema).

Jorna – Trabalho feito durante um dia, principalmente por um trabalhador rural; ou então, representa o pagamento desse trabalho diário.

Junco – Ou vulgar herbáceo aquático, verde e inexperiente que assiste às Fainas e tertúlias da Faina de Lodos e Lamas, tentando adquirir algum saber na arte.

Lançar – Nesta fase, quando já Moço (uns mais outros menos!), Moças, Marnotos e Salineiras, os membros da Academia possuem os conhecimentos e a experiência mínimos sobre os locais e os momentos de lançamento dos enredos indispensáveis para capturar o que querem “possuir”.

Limpeza – Trabalhos preparatórios da salina, no início da época, essenciais para o seu bom funcionamento.

Lodos e Lamas – Vulgo caloios(as), cinzentos, odor nauseabundo proveniente de detritos carbonosos em decomposição.

Machos – Muretes de secção retangular, situados de seis em seis meios, por onde passa o pessoal; por vezes, são forrados, lateralmente, com tábuas, para melhor resistirem aos estragos provocados pela invernía e se reduzir as possibilidades de poluição do sal com o lodo.

Malhadal – Muro largo que se segue à malhada e onde se situam as eiras e o palheiro. Por vezes, o marnoto cultiva, neste terreno, uma pequena horta, onde é frequente ver uma figueira ou uma parreira arrimada ao palheiro, cujos frutos são utilizados como sobremesa, nas parcas refeições do pessoal.

Mandamento – Ordem evaporadora da salina, em cujos reservatórios (caldeiros, sobre cabeceiras, talhos, cabeceiras e, excecionalmente, caldeirões), se deposita grande parte, não só das impurezas transportadas pela água, mas também dos sais de ferro, carbonato de cálcio e gesso.

Marnoto – Homem que trabalha nas marinhas de sal e dirige a sua exploração, sendo este o nome que prevalece no Salgado da Ria de Aveiro. O mesmo que Salineiro.

Mestres – Pela sua permanência prolongada no Salgado Académico possuem experiência e a autoridade máxima, sendo verdadeiros detentores do saber viver académico.

Moliço – É fertilizante 100% natural, agente revitalizador do Salgado Académico. O estudante neste estado ainda se encontra sujeito às vontades das marés, sem poiso certo e por isso é necessária ajuda para que se “oriente”. O moliço é composto por algas, sargaços e outras plantas aquáticas que servem para adubos das terras.

Palamenta – Conjunto dos remos, mastros, vergas, etc., de qualquer embarcação.

Parceira do Ramo - Usa as roupas tradicionais femininas do dia de festa ostentando um longo xaile. Na mão sustenta um ramo de flores que será entregue aos novos mordomos das festas do ano vindouro, transferindo-lhes a responsabilidade de organizar as próximas celebrações.

Parcel – Fundo das várias peças, com exceção do viveiro. O mesmo que Polmo e Praia.

Passadoiro – Pequenos muros ou pranchas que permitem a passagem das pessoas através do entraval.

Popa – Parte posterior do navio.

Proa – Parte dianteira do navio.

Quasímodo - Personagem principal do livro “Notre-Dame de Paris”, de Victor Hugo.

Recolher – Já Arrais, Varinas ou sempre Mestres a impaciência instala-se nestes estudantes, que colhem ansiosamente, o fruto de tão longa Faina e extenuantes Safras anuais. Largam amarras e partem mundo fora carregados com o precioso Sal Académico, indispensável para vencer os Desafios da Vida. Do Salgado Académico ficará a saudade dos anos marcantes de ser Universitário e da boémia de Aveiro.

Rega do Mandamento – Enviar, pela primeira vez, água das comedorias para o mandamento, após a fase de limpezas e securas deste.

Roncada – Ver Salina VI

Safra – Época de trabalho; começa no início da primavera e termina com as primeiras chuvas de outono.

Sal – Sal das cozinhas ou sal comum, obtido por evaporação da água da Ria, que se deposita no fundo dos cristalizadores. Para se obter este sal, onde predomina, largamente, o cloreto de sódio, a concentração ótima das moiras situa-se entre os 25 e os 29 graus Baumé.

Conforme o tamanho dos cristais, o sal classifica-se, comercialmente, em três tipos: fino, traçado e grosso.

Salgado – Área da Ria de Aveiro ocupada pelas marinhas de sal. Das mais de duzentas salinas existentes em 1970, só trabalharam, em 1995, trinta. As salinas de Aveiro podem classificar-se, segundo a sua situação geográfica, em cinco grupos: Monte Farinha, Norte, Mar, Sul e São Roque/Esgueira. Os melhores meses para a extração de sal são, por ordem decrescente: agosto, julho, junho, setembro e maio.

Salina – Espaço unitário do Salgado destinado à obtenção, recolha e tratamento de sal (colo de Aveiro).

Salineira – Mulher que transporta o sal à cabeça, em canastras de 50 quilos, dos barcos para os armazéns. Por vezes, trabalham, também, na salina, carregando, para a malhada, nas referidas canastras, as cabeçadas. A falta de mão de obra levou a que, durante alguns anos, se vissem, em certas marinhas, mulheres a desempenharem as duras funções dos tradicionais moços.

Sobre Cabeceiras – Reservatórios de forma retangular, com uma altura de água aproximada de 7 cm., situados entre os caldeiros e os talhos e que constituem as segundas peças do mandamento; as suas dimensões são sensivelmente iguais às dos caldeiros. Algumas marinhas, por insuficiência de área, não têm sobre cabeceiras. Esta pobreza de mandamento pode ser compensada das seguintes formas: aumentando, ligeiramente, as dimensões das restantes peças do mandamento; ou construindo, apenas, uma marinha singela.

Tabuleiro – Travessão com uma largura aproximada de 2 m., em plano inclinado na direção da engiva e revestido, por vezes, de madeira, que remata os cristalizadores e para onde se rê o sal.

Tertúlio – Magnífico Traje Académico da Universidade de Aveiro.

MN – Muito Nossa.

Varina – Rede de arrasto, mais pequena que a neta, e de malha mais miúda;

Viveiro – Reservatório retangular em comunicação com a Ria, que se destina a alimentar todos os compartimentos da salina. A água aqui atinge maior altura.



BIBLIOGRAFIA

“Desenvolvimento Regional”, n.º 34/35, artigo de Paulo Gonçalves e Armando Sobreiro - “Um contributo para a redinamização do Salgado de Aveiro”, C.C.R.C., 1992

Boletim da Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro, maio/ junho 1980

Estudos Etnográficos: Aveiro / coord. por José de Castro. - Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Arte e Museologia, 1943-1944

Dias, Diamantino “Glossário: designações relacionadas com as marinhas de sal da ria de Aveiro” - Aveiro: Câmara Municipal, 1995

“Janelas Caídas do Céu”, Círculo de Estudos das Salinas de Aveiro, Ensino Recorrente e Educação Extra-Escolar do Concelho de Aveiro. 1997



AGRADECIMENTOS:

Reitoria da Universidade de Aveiro
Fundação João Jacinto Magalhães
Salgadíssimas Trindades (presentes e
passadas)
Conselhos do Salgado (idem)
Biblioteca Municipal de Aveiro
Serviços de Documentação da U.A.

A todos aqueles que são pela Faina e por ela deixaram o seu contributo (elementos da comissão instaladora do código de praxe, elementos proponentes do Tertúlio, gabão e grifo como trajes académicos, BAC's e outros derivados, enfim a todos os "praxistas" que souberam dignificar a praxe)

AVEIRO

